



A PILHERIA

ANNO VIII.

RECIFE. 15 DE JANEIRO DE 1927.

NUM. 277



VÔVÔ

QUANDO rapaz, foi elegante e dado a conquistas; homem feito foi gastrônomo e apreciador dos bons vinhos. . . . Hoje, em consequência da alegre "vidoca" passada, perseguem-no as dôres rheumáticas e já teve dois ataques de gotta.

Muito soffreu com elles, mas hoje sorri de todas as molestias. A

CAFIASPIRINA

allivia-lhe todas as dôres; demais porque ella estimula a eliminação do acido urico, os ataques de gotta vão sendo cada vez menos frequentes.

NÃO AFFECTA O CORAÇÃO NEM OS RINS

E para toda a familia é a Cafiaspirina o ideal contra dôres de cabeça, ouvidos e dentes, neuralgias, enxaquecas, consequencias de noites em claro e de abusos alcoolicos.



Não accete comprimidos avulsos. Peça o tubo com 20 comprimidos, ou o envelope "CAFIASPIRINA" com dois, ou então o disco "CAFIASPIRINA" com um comprimido.

COMMENTARIOS

CARNAVAL.

Já os primeiros clangores dos adeptos fervorosos do Momo chegam até nós, muito embora em longinquos chos.

Infelizmente, porém, tudo faz prever que, entre nós, o carnaval correrá frio, sem animação, como pode-se depreender desses mesmos chos longinquos que mal os chegam aos ouvidos.

Em annos anteriores, por esta epocha, a animação, o révo já estava em nossas ruas, no entusiasmo dos enalios, na antecipada alegria que avassalava a todos, nas ecções carnavalescas dos jorões, onde o espirito, a verve esfuziava gargalhante, raplta, cheia do mais fino humorismo.

Mesmo o commercio denuncia o desanimo reinante nas hostes carnavalescas.

Nem a exposição de artigos destinados aos trez dias de loucura, no qual a humanidade se apresenta na sua nudez, tal qual é, sem reuços, sem convenções sociais, a mais hypocrita das instituições, se assim nos podemos expressar.

Oxalá não passe o reinado de Momo, este anno, sob essa quase glacial indifferen-

100 44800
60 10000
60 10000
15 10000
5 38000

240 10800
16 10800
224 54800

ça que se prenuncia e desanima.

Que as tristezas, as aperturas sejam esquecidas e cedam lugar á gargalhada, á folia, ao frêvo!

A HESPAÑHOLA.

A Europa, em alguns dos seus paizes, está curtindo as amarguras-decorrentes da invasão da hespanhola, epidemia universalmente conhecida sob aquella denominação e de consequencias as mais funestas.

Isto quer dizer que estamos tambem na eminencia de receber a visita de tão horrenda mensageira das Parcas que, entre nós, já tantas e preciosas vidas ceifou, atirando-as á algida e soturna solidão da campa.

Felizmente, porém, temos á frente do Departamento de Saúde e Assistencia o notavel hygienista que é o dr. Gouveia de Barros, nome feito no-palç e que os mais assinalados serviços já prestou á collectividade pernambucana quando, ao tempo do governo do marechal Dantas, dirigiu a Hygiene do Estado.

E medidas efficientes para conjurar o mal serão tomadas.



SAPATINHOS



TRESSÊ

PARA
MENINAS E CRIANÇAS

Ninguém tem eguaes
aos da

Casa Excelsior

Livramento 53

Phone 2568

A IRMAZINHA

Eu tinha cinco annos e meio esse anno quando começaram repicar festivos os sinos todas as noites ás nove horas, treze dias antes do Natal. Suppliquei que me levassem á missa do gallo. Ninguem me quiz levar, a mamã estava um pouco adoentada, Vovó era muito idosa, tio José — um herege, como o chamavam, e nem mesmo o papá, bondoso, mas autoritario em gestos e palavras: " Tu, assistires a Matinas? Sim, vaes ter matinas quentes na cama.

Ora, mandaram-me no dia seguinte para a casa de mamã, onde eu ás vezes passava tempos mas nunca no mez de dezembro. Afinal não foi máo o sinto-me bem ali, animado por meus quatros tios maternos e duas tias solteiras.

Fui de facto animado, tanto quanto se podia ser numa herdade isolada, a tres quartos de legua da igreja parochial. Somente caiu neve a valer; não havia meio de correr fóra na matta nem no jardim cercado.

Como é linda a neve! mas não se permite ás crianças contemplarem senão pela vidraça.

Que pena! Assim, depois de brincar um pouco com os gatos e cães, depois de ter escondidamente revistado as raioeiras no sótão; escutado as historias de tia Christina e de tia Victoria, não me restava senão o recurso de ir a casa do forno ver tio Carlos fazer tamoços e tio Frederico tra balhar no torno; ou ir á estrebria onde tio Francisco dava de beber ás ovelhas e tio Pedro enchia as balas das vacas e dos bois de feno. . . No fim do terceiro dia, senti-me um desgraçado no exilio.

Mercurio Colloidal Néo-sorosol

Instituto Biotherapico de Bello Horizonte

Conselho tecnico: Drs. A. Godoy, A. Machado, Marques Lisboa e Carneiro Felipe

Director Gerente: — A. Libanio, Pharmaceutico Ismael Libanio

A Illustrada classe medica tem no NEO-SOROSOL um novo producto mercurial que se recommenda particularmente por possuir vantagens reaes sobre todos os similares.

- a) O NEO-SOROSOL não contem analgesico e é absolutamente indolor;
- b) O NEO-SOROSOL é um composto de sulfureto de mercurio (S. Hg.) em estado colloidal de concentração até hoje não attingida e obtido por processo inteiramente original e patentado;
- c) O NEO-SOROSOL é um preparado cujo colloide se mantem absolutamente estavel, por isso nenhuma necessidade ha de agitar as ampolas;
- d) O NEO-SOROSOL não se altera tendo sempre em qualquer tempo o mesmo valor therapeutico;
- e) O NEO-SOROSOL é de prompta assimilação e não produz nodulos.
- f) O NEO-SOROSOL é 19 vezes mais rico em mercurio do que qualquer dos preparados colloidaes congeneres, nacionaes ou estrangeiros;
- g) Pela sua forte concentração, sob forma de finissima granulação ultramicroscopica, goza o NEO-SOROSOL sulfuro-mercurio de extraordinaria acção, therapeutica no moderno tratamento da syphilis, em qualquer das suas manifestações.

Literatura e outras informações com os depositarios, geraes para todo o Brasil

ISMAEL LIBANIO & COMPANHIA

Pharmacia Americana e Drogaria

Endereço telegraphico — LIBANIO

Rua da Bahia, 928 — Tel. 74 — Bello Horizonte — Minas
O NEO-SOROSOL é encontrado em todas as drogarías pharmacias e casas de cirurgia.

cas e dos bois de feno. . . No fim do terceiro dia, senti-me um desgraçado no exilio.

Então resolvi tentar na fazenda o que não tinha conseguido em casa; e uma noite, quando os meus tios e as mi-

nhas tias se sentaram em volta da lareira, estendendo os pés ás chammas, conversando sobre a feira, os bois e a lavoura, enquanto trançavam palhas para fazer cestos, ou descascavam castanhas ou ha-

Casa Couceiro

Os mais lindos artigos para presentes
V. Exc. encontrará neste conhecido e afregueado estabelecimento.

Rua Barão da Victoria, 247

tatas assads, eu perguntei bruscamente:

— Ento, faltam só quatro dias para o Natal?

— Sim, pequeno, disse tio Pedro.

— Eu quero ir a Matinas, leva-me tio.

Todos levantaram os braços horrorisados.

Não se levava a missa do gallo um fedelho como eu, sobretudo com a neve que caia.

— Ainda mais, disse tio Francisco com uma voz carvenosa, andam os lobos a vagar. Hontem avistaram-se dois e hoje o meu cão Pitanga correu atraz de um no matto...

— Mas objectei eu, tio Frederico tem uma espingarda, elle defende-nos.

Nada valeu.

— Vae a missa quente na cama! concluiu tio Pedro que gostava de usar as phrases de meu pae.

Que fazer? Supplicar ás tias, ora; sobretudo tia Victorinha, tão boa e tão franca commigo... Foi o que fiz, no dia seguinte, atormentando-as o dia inteiro na sala, no galinheiro, na adega... Lancei mão de todos os recursos: beije-as, chorei; ameacei fugir, adoecer, voltar só para casa mesmo que fosse comido pelos lobos.

Que querieis que fizesse as minhas pobres tias! Prometteram levar-me á missa do gallo.

Não pensei noutra coisa tres dias.

Puzemo-nos em caminho, ordem imponente: os dois tios, Carlos e Pedro na frente, agitando uma acha de lenha accessa; no meio minhas tias segurando-me cada uma pela mão; na retaguarda o tio Francisco levando um bastão erigido de nós e ponteiro de ferro... Tio Frederico, o unico que sabia manear a espingarda, ficou na fazenda para guardar a casa com Pitanga.

Que vento gelido!... mas não importava, haviamos aquido os tamancos nas brasas; as minhas tias tinham-me embrulhado as orelhas, o pescoço as costas num pesado chafé de lã. Eu ia andando animoso, não sem estremeecer ao piano de uma coruja ou á luz de uma estrella baixa no horizonte, que me pareceu, no meio das arvores, o olho de um lobo...

Chegamos á igreja: estava muito contente e sentindo calor.

Entrando na parochia já

quasi cheia, o altar-mór todo illuminado, os meus olhos procuraram o banco da familia.

Que! a mamã não estava!... O papá estava, sim, e assim que me avistou franziu a testa, creio mesmo que elle chamou as minhas tias de malucas, quando ellas passaram junto delle para alcançarem o seu banco: malucas porque me haviam trazido naturalmente. Elle fez signal chamando-me, mas visto não estar mamã, eu preferi acompanhar as tias, tanto mais porque ficava mais perto da capella de Nossa Senhora onde estava o presepe.

Mais uma decepção. Esta-



va no fundo disposto entre dois lenções que faziam de cortina, uma coisa que parecia uma creancinha num berço e Nossa Senhora debruçada em cima; mas não estava bem representada. Não se via São José nem os pastores, nem os Reis Magos; nem mesmo o burro e o boi: como o menino Jesus devia estar descontente! e como devia sentir frio!

Entretanto começou a missa. Sentado numa cadeira baixa entre as minhas tias, apoiando-me ora numa ora noutra, fiz-lhes mil perguntas ás quaes não responderam senão:

— Cala-te!... o Menino Jesus zanga-se!

Em breve as luzes, a musi-

ca do harmonio, o calor fizeram-me adormecer, a cabeça no collo de tia Victorinha: só Deus sabe os sonhos que tive...

Um brusco toque de campainha fez tia Victoria ajoelhar-se e acordou-me de repente. Assustado gritei: Mamã! Mamã! As tias procuraram acalmar-me, mas a comporta estava aberta, berrei com toda força... Senti que me levantavam da cadeira duas mãos fortes: o meu pae levou-me para fóra murmurando palavras zangadas.

Em breve deciamos a ladeira de casa.

Entramos: que surpresa?

A principio não vi nada, se não mamã na cama, muito pallida corri para ella.

— Mamã, mamã, estás doente?

— Não filho, não estou doente... Fiquei em casa para tomar conta da irmãsinha que o Menino Jesus te mandou de presente... Vem vêr como bonita!...

Então, avistei effectivamente, ao lado da cama, um berço muito meu conhecido, tendo dormido nelle até aos trez annos, depois tendo visto dormir nelle o meu irmão, e mesmo tendo-o feito virar mal uma vez; e avistei uma bonequinha rosada parecida com o Menino Jesus da igreja mas muito mais delicada.

— E' uma irmã de Jesus mamã?

— Sim, deu-ta de presente. Mahda assim a noite de Natal, a quem Elle quer bem.

— Mas quem a trouxe? Não foi elle, foi José, meu filho.

Nesse instante, uma gargalhada me fez olhar para a ladeira, e vi aquecendo-se, sentado entre meu pae e vovó, o tio José, incansavel caçoista.

— Que! disse eu indo abraçá-lo, porque adorava-o, foste tu, padrinho, que trouxeste a irmãsinha?

— Sim, fui eu... passando no caminho do rochedo — sabes o rochedo onde se vae buscar as creanças?...

Achei a pequena na neve e metti-a na minha bolsa por cima de um coleho ainda quente... E gostaria que me dessem de beber porque a bolsa estava pesada e o caminho muito máo...

— Pois vamos ceiar, disse o meu pae...

A missa acabou, estou ouvindo os tamancos das tias na ladeira... A' mega,

CONTO SEMANAL

A NOITE DO COSTINHA

Maldito collarinho, maldita gravata que não corre. E, gravata finíssima. Deteve-se, tesourar o collarinho fino e a isto dizendo, lá o Costinha porém, ao ver, sobre a cama, o fato novo, almofadinha, de linda casemira ingleza.

Afinal, com uma pouca de paciência, deu o nó. Apromptou-se e lá se foi o nosso peralta rua em fóra, a trescalar o seu extracto predilecto "quelques-fleurs", e a girar a bengala de castão de ouro. Os sapatos novos, desses pontudos, lhe machucavam os callos; mas, estavam na moda. Também a palheta em folha feria-lhe a testa.

Foi á casa da noiva e com ella, de braço dado, dirigiu-se para a residencia do cel. Antonio Lobo que, por motivo de seu anniversario, offerreia um regabofe aos amigos.

Lá, já perguntavam pelo Costinha e pela noiva: baile sem os dois não tinha graça; ninguem como elles sabia rodopiar uma valsa.

—Oh! Costinha! exclamaram todos, moços e moças e, quasi carregados, levaram-nos á presença do cel. Lobo.

—Coronel, disse o Costinha, que esta festa se reproduza por muitos annos ainda, para termos boas patiscadas.

—E o coronel agradeceu "tout rempli de soi-même".

A vasta sala estava ricamente enfeitada. Do tecto, em fios de prata, pendiam milhares de rosas de um lindo amarello, qual chuva de grandes petalas de ipé. Ao centro custosa jardineira de viçosos cravos, como pequenina filha rubra. Aqui e alli, corbellhas de lindas flores.

Após a merendona, que se passou entre gargalhadas homericas, a flauta annunciou gostosa valsa. Todos se entropalharam, com o rosto illuminado por um clarão de sorriso. Num corre-corre atabalhado, desnudaram a ampla sala de seus ornamentos, e o Costinha com a noiva, volteando vertiginosamente, deram início ao baile.

Naquelle magica profusão



de luz, as moças, em seus carissimos adornos, eram como vaporosas. Toda em delicias ia a noite, naquelle polycromizado fervilhar de dansas.

Entretanto, nem tudo são flores...

Segredaram aos ouvidos de Noemia, a noiva de Costinha, que estava attraahindo a attenção de todos o facto de ella só dansar com o noivo; que estavam linguarejando. E ella dansou com o Julinho, seu antigo namorado. Mordido de ciúme, grosseiro e doentio, o Costinha quedou-se a um canto, sozumbatico, e por fim se retirou.

Sua noiva, que até alli o deixara só, porque suas caricias sempre lhe augmentavam a zanga, tomou de uma rosa, correu á porta, offerrou-lh'a, pedindo-lhe não se ausentasse.

Elle, inflexivel, atirou a flor ao chão e, nevrosthenico, foi-se pelas ruas sem destino. Apenas andára umas centenas de passos, ouviu um xiuu, xiuu, xiuu, abafado, baixinho. Voltou-se. Ninguem. Continuou a andar. Outra vez, xiuu, xiuu, xiuu. Voltou-se. Nada. Estava o Costinha com a pulga no ouvido. Que diabo seria aquillo? Escondeu-se em uma esquina, para apanhar quem era. Dahi a pouco, xiuu, xiuu, xiuu, atraz delle. Ouriçaram-se-lhe os cabellos; sentiu um calafrio.

Rapaz de compleição debil, de espirito profundamente impressionavel, victima da nevropathia, facilmente se convenceu de que estava perseguido por algum lepi^{da}.

duende. E, transido de medo, pôz-se a vagar, como doido, pelas ruas. Ao passar, apressado, debaixo de uma lampada, deu um grito: pensou que fosse o duende que lhe pulára na frente, e havia sido a propria sombra...

De espaço a espaço, airmava-o o tal xiuu, xiuu. Quiz voltar para o baile; sua opinião, porém, qual um muro, lhe impediu os passos. Como já era madrugada, dirigiu-se para a casa, sempre olhando para traz, espantadico, com os olhos esbugalhados.

—Graças a Deus ficou lá fóra a visão: nunca mais doestarei minha noiva por ciúmes, disse o nosso janota, em seu quarto. E ia desatar os fios dos sapatos, pontudos e apertados, quando ouviu xiuu, xiuu, xiuu, atraz.

O maldito entrou aqui com as portas fechadas: o negocio é serio, trata-se, não ha duvida, de coisas do além. E o nosso tufu cuidou de orar. Relanceou os olhos pelas paredes; estavam nuas de imagens. Cahi de joelhos á beira do leito e se concentrou em uma prece. Acabou de rezar, xiuu, xiuu, xiuu, baixinho.

Ah! o proprio Deus me abandonou, disse em doloroso e prolongado suspiro. E, hirtido de pavor, alli ficou naquella attitude. Depois de uns momentos de profundo silencio, em que só se ouvia o pulsar violento de seu coração, pareceu mais tranquillo, e dirigiu ao céu nova e ardente prece, na intima convicção de ser attendido. Todo a tremor, revistou debaixo da cama, abriu devagarinho o guarda-fato. Nada. Sempre nada.

Ao despir-se para dormir, qual lhe não foi surpresa vendo, nas costas do paletó, um grande besouro que já começando o seu xiuu, xiuu abafado, baixinho...

Atirou-o ao chão com força; esmigalhou-o aos pés; fê-lo em mil pedacinhos, dizendo: Maldito, maldito, maldito.

José Benedicto Cursino.

A PILHERIA

O capitão Bernardo Dias Lima tinha a mania de colleccionar passaros, como outros colleccionavam sellós, objectos de arte, moveis antigos etc.

A sua residencia era um verdadeiro museu de nithologia. Havia de tudo quanto a ave fama brasileira possui de mais e brilhante, tanto em belleza de plumagem, como de canto: desde o formosa gallo-da-serra do Amazonia, ás legitimas patativas de Jacuhype, genuinamente para-hybaña. De manhã á noite era uma verdadeira orchestração de piadas e garganteios, de assovios e trinados, de sons agudos, e estridentes, ou suaves e melediosas.

Faltava-lhe, porém, um bom papagaio falador, desses que cantam canções brejeiras, carnavalescas, como Maria-Cachaca e Seu-Mé, aos mais conhecidos trechos da Viuva Alegre e Casta Suzana.

Certa vez encontra-se, na feira, com um matuto que apregoava a venda de um,

cujas excellencias de optimo falador, não se furtava de exaltar.

Tratava-se, na realidade, de um magnifico exemplar de mais bella apparencia. Tinha, no entanto, um aspecto entristecido de animal doente.

O matuto explicava aquella tristeza, aquelle aspecto somnolento, em virtude do calor, após dois dias de viagem ao sol consticante do verão. Mas o seu manjor iria ver, depois de estar em casa, bem descansado, o que era um bom papagaio.

O capitão Bernardo compra-o afinal, e levava para casa, radiante por ter effectuado tão optima aquisição.

Passou-se o primeiro dia, o segundo, terceiro e nada do bicho manifestar desejos de falar, ou sequer de sahir daquella afflictiva postura da quem vive amargurado por intimos pensamentos, alheio ao mundo inteiro. Sempre silencioso, e cabisbaixo como o *Peuseur de Radin*.

O capitão Bernardo desfazia-se em desvelo e affagos e caricias verdadeiramente maternas. O animal, porém, não dava mostras de contentamento e não proferia nem mesmo o classico... *meu louro*. Nada. Mutismo absoluto, absoluta melancholia.

O capitão convencendo-se por fim, que se deixara ludibriar pelas labias do matuto, resolvera procural-o para uma explicação. Não desejava desfazer o negocio, nem exigir indemnisação. Queria, unicamente, certificar-se si o dono do papagaio falava, na realidade, ou si veria ainda a falar dizia elle ao ex-dono do *louro*... de estimação. Queria, apenas, que elle fosse franco.

Depois de alguma pausa, rolando a aba do chapéo entre os dedos, responde o matuto:

— P'ra falá a verdade, seu manjor, falá elle não fala muito não. Um nadinha. Mas é peitado p'ra pensá.

FILIPPE PARAHYBA.

A SYMPATHIA



convida ás exmas.
familias
para uma visita ao
seu atelier
de chapéos com
os mais
lindos modelos.

R. Livramento, 80

Phone, 634

P R O M E S S A S

Eu e o Mar

(Ao sr. Romualdo Lima).

Ante a grande esmeralda liquefeita
do oceano largo, marulhante, ingente,
minh'alma se confrange e se deleita,
goza o prazer e a dôr de toda a gente.

Posto sentindo ser a terra estreita
para a minha ansia intermina e latente,
meu coração incompreendido aceita
o seu pezar, beneditivamente.

E eu que medito, e o mar que anseia e brame,
nos irmanamos, num fallaz tentame
de liberdade e de expansão sem raías.

E enquanto fujo ás maguas do presente,
elle goza, e padece, e soffre, e sente
a saudade immortall de suas praias.

ISRAEL FONSECA.

Velha porteira

Velha, tristonha, feia, ennegrecida
E quasi mesmo sem girar poder,
Ei-la — pobre porteira: — pela vida,
A ranger, a ranger, sempre a ranger.

E, na escura madeira, envelhecida,
De que foi feita, nos parece haver
Uma saudade, até, muito escondida,
Que nós olhamos sem comprehender!

Tenta abrir a porteira uma creança:
Puxa, ergue o braço, grita impaciente,
Mas, é debalde o esforço... não a alcança!

O coração da gente é assim. Um dia
Envelhece e, depois, difficilmente,
Pode-se abri-lo como outr'ora o abria.

BORGES DA SILVA.

Recife.

NATAL

Natal!... andam pelo ar tons vibrantes de fes-
[ta!...
Ha luz, ha sons, ha beijo, ha sorriso que affaga,
Pirando junto a mim, como o aroma da giesta,
Que me traz do passado uma lembrança vaga!...

Presente... fllto o espaço... Os céos palpitam...
[e esta
Orchestra de fulgor, de sons me opprime e es-
[maga!...
Peza-me ao coração toda a magua funesta.

— Esse duende infernal — de um sonho que nau-
[fraga!...

Natal!... quanto eu te amei quando era ainda
[criança!
Quando em terno scismar divinizava tudo,
O que hoje ao peito meu — campã do Amôr —
[descança!...

Vibram cantos pelo ar; vibram sinos cantando...
Natal!... Quanto prazer!... E eu solitario e eu
[mudo,
Revejo o meu passado e os sonhos meus, cho-
[rando!...

CAETANO GALHARDO.

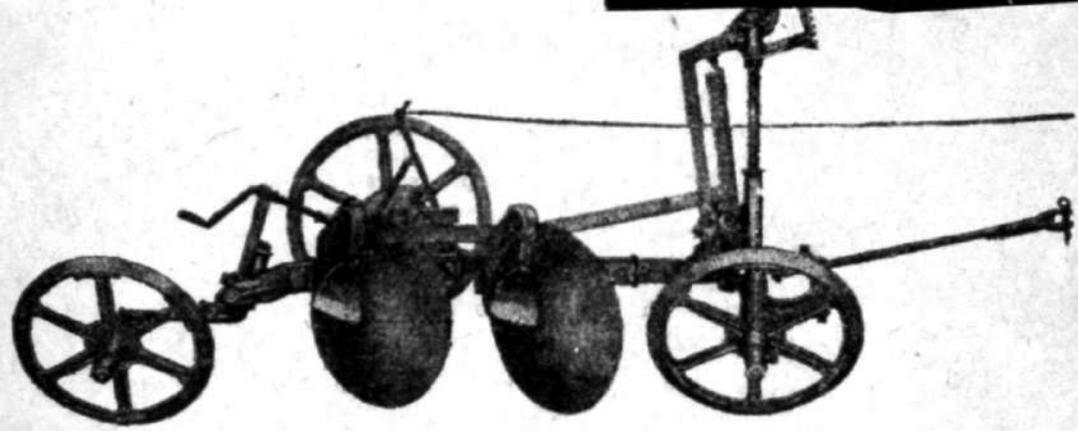


— A R A
OLIV

AGENCI

Oscar Am

*Rua Imper
Praça da Independ
Rec*



Arados de Disco D. 72

Ultimo modelo e aperfeiçoado

Sortimento variado em

ARADOS

*de disco e de aivecas, grade, sulcadores, etc.
para TRACTOR e tracção animal.*



RECIFE, 15 DE JANEIRO DE 1927
ALFREDO PORTO DA SILVEIRA — DIRECTOR

MEU GRANDE AMOR...

Eu amo a todos os que passaram ignorados na vida. A todos os que soffreram no silencio das noites altas o silencio da miseria humana, a dôr incompreendida de desejos irrealizados, a interrogação feita de pranto, de rugas e de olheiras roxas que os desprotegidos fazem ao céu sereno das noites caladas. Eu amo os meninos pobres que adormecem com lagrimas por um brinquedo barato. Aos garôtos que não sabem lêr e que nunca brincaram junto ás areias do mar. Eu amo os que cegaram depois que os seus labios disseram — meu amor! Amo a todos os que na velhice estenderam a mão por um obulo e muitas vezes recolheram a mão vazia.

Eu amo a todos os que nasceram hu mildes, viveram bons, morreram puros...

Antonio Fasanaro

S A U D A D E

Saudade!... Saudade!...
Um lindo sonho de felicidade
que ficou, para sempre, no passado,
num passado feliz, tão almejado,

Saudade!... Saudade!...
Um encontro furtivo
cheio de ventura...
Uma phrase subtil e delicada...
Um sorriso que fascina e seduz...
Um olhar que promete mil carícias...
Um grande desejo,
atróz, insatisfeito,
e um beijo...
Depois... depois, esta ansiedade,
esta magua indefinida
que nos tortura
e nos maltrata a vida

Saudade!... Saudade!...
Uma rósa, muito linda e vermelha,
que se desfolha, assim,

lentamente,
sobre o canteiro do jardim,
lembrando, dolorosamente,
uns lábios de carmim,
pequeninosa
e divinos,
que se desejou
e o Destino afastou
para bem distante de nós.

Saudade!... Saudade!...
Uma noite de luar,
muito azul e estrellado,
um violão que geme, ao longe
uma canção de amor,
uma doce ballada
de dor.

Saudade!... Saudade!...
Um bem que nos faz mal...
Um mal que nos faz bem...

MILTON TURIANO

Palavras
de Maria

Como eu agora compreendo
que se viva escravizada a
um sorriso!

Quando tenho meu filho ao
collo, nutrindo-se do meu san-
gue, que deixa a cor da purpu-
ra e veste-se de branco para
não macular os lábios inno-
centes toda a minha vida nel-
le se concentra.

A felicidade e a desgraça
sentam-se junto de mim, sin-
tulas no contentamento que
me alvoroça e nos presagios
estranhos que me occorrem.

E' preciso ser mãe, ter ge-
rado para conhecer o verda-
deiro amor.

A alma sae-me do corpo e
fica junto do infante. Se me
arredo um momento, sinto-
me logo attraída como por
uma pesada corrente que se me
prende ao coração. E tanto o
contemplo, tanto! que fico
com elle dentro dos olhos co-
mo quem fita um objecto ao
sol e depois o vê em toda par-
te, ainda na treva mais den-
sa!

CABELLOS

UMA DESCOBERTA CUJO
SEGREDO CUSTOU 200.000
CONTOS DE REIS

A "Loção Brillhante" é o
melhor específico para as afec-
ções capillares. Não pinta
porque não é tintura. Não
queima porque não contém
saes nocivos. É uma formu-
la scientifica do grande bo-
tanico dr. Cround, cujo se-
greto foi comprado por 200
contos de réis.

É recommendada pelos
principaes Institutos Sanita-
rios do estrangeiro, e analy-
sada e autorizada pelos De-
partamentos de Hygiene do
Brasil.

Com o uso regular da "Lo-
ção Brillhante":

1º — Desapparecem com-
pletamente as caspas e affec-
ções parasitarias.

2º — Cessa a queda do ca-
belle.

3º — Os cabellos brancos,
descorados ou grisalhos vol-
tam a cor natural primitiva
sem ser tingidos ou queima-
dos.

4º — Detem o nascimento
de novos cabellos.

5º — Nos casos de calvície
faz brotar novos cabellos.

6º — Os cabellos ganham
vitalidade, tornam-se lindos e
sedosos e a cabeça limpa e
fresca.

A "Loção Brillhante" é usa-
da pela alta sociedade de São
Paulo e Rio.

A venda em todas as dro-
garias, perfumarias e phar-
macias de primeira ordem.

Alvim & Freitas cessiona-
rios da Caixa Postal n. 1379

Dantes, quando as mães fa-
lavam-me de seus filhos, sem-
pre eu as achava exaggeradas
nos louvores. Que diriam de
mim as que agora me ouvis-
sem!

O meu desejo era não ter na
boca outras palavras senão
estas: *Meu filho!* São as que
o coração inspira-me, são as
que me agradam ouvir.

Elles fazem um giro alegre,
como um casal de passarinhos
brincando. Saem-me dos lá-
bios, entram-me pelos ouvidos
cantando, circulam o meu co-
ração e tornam á boca.

Meu filho! E não ha todo
um mundo de amor dentro
dellas? Que mais é preciso
para a ventura?

Quando as suas palpebras
descerram-se inclino-me e bus-
co vêr nas suas pupillas, —
que são agora os meus espe-
lhos. — o que ellas con-
têm.

Fico tão perto que ellas só
a mim reproduzem!

Do mais tenho ciúme, nem
quero que seus olhos tenham
outros horizontes.

Quando Elle estremece, tre-
mo. Quando Elle sorri é tão

Adeus, Rugas!

3.000 dollars de premios se ellas não desaparecerem
A mulher em toda a idade pode se rejuvenescer e se embellezar.
—E' facil obter-se a prova em vosso proprio rosto.—
e em pouco tempo.

EXPERIMENTAI HOJE MESMO O "RUGOL"

Crème scientifico, preparado segundo o celebre processo da famosa doutora de belleza, Mlle. Dort Leguy, que alcançou o primeiro premio no Concurso Internacional de Productos de Toilette.

RUGOL — Opera em vosso rosto uma verdadeira transformação, vos embelleza e vos rejuvenesce ao mesmo tempo.

RUGOL — Differe completamente dos outros crèmes, sobretudo pela sua acção sub-cutanea, sendo absorvido pelos póros da pelle os preciosos alimentos dermicos que entram na sua composição.

RUGOL — Evita e previne as rugas precoces e pés de gallinha e faz desaparecer as sardas, panos, espinhas, cravos, manchas, etc.

RUGOL — Não engordura a pelle. Não contém drogas nocivas. E' absolutamente inoffensivo. Até uma eriaüça recém-nascida poderá usal-o.

RUGOL — Dá uma vida nova á epiderme flacida, porosa e fatigada, emprestando-lhe a apparencia real da juventude.

GARANTIA! — Mlle. Leguy, pagará mil dollars a quem provar que ella não tirou completamente as suas proprias rugas com duas semanas de tratamento apenas.

Mlle. Leguy offerece mil dollars a quem provar que ella não possui oito medalhas de ouro, ganhas em diversas exposições, pela sua maravilhosa descoberta.

Mlle. Leguy pagará ainda mil dollars a quem provar que os seus attestados de curas não são espontaneos e authenticos.

AVISO — Depois desta maravilhosa descoberta, innumerados imitadores têm apparecido de todas as partes do mundo. Por isso, prevenimos ao publico que não accette substitutos, exigindo sempre

RUGOL

Mme. Harry Vignier escreve:

"Meu marido, que, em sua qualidade de medico, é muito descrente por toda a sorte de remedios, ficou agradavelmente surprehendido com os resultados que obtive com o uso de RUGOL, e por isso tambem assigna o attestado que junto lhe envio".

Mme. Souza Vallence escreve:

"Eu vivia desesperada com as malditas rugas que me afeavam o rosto e depois de usar muitos crèmes annunciados, comecei a fazer o tratamento pelo RUGOL, obtendo a desaparicção não só das rugas, como das manchas, modificando a minha physionomia a ponto de provocar a curiosidade e admiracção das pessoas que me conheciam".

ENCONTRA-SE NAS BOAS PHARMACIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS.

Unicos cessionarios para a America do Sul: ALVIM & FREITAS,
RUA DO CARMO N. 11, SOB.—CAIXA 1.379—S. PAULO

COUPON

Srs. Alvim & Freitas — Caixa 1379 — S. Paulo — Junto remetto-lhes 1 sello de 200 réis, affim de que me seja enviado pelo Correio o TRATAMENTO SCIENTIFICO PARA EMBELLEZAR O ROSTO.

NOME.....
RUA.....
CIDADE.....
ESTADO.....

«A Pilheria»—Recife.

filho. Como se podem guiar na vida, como podem caminhar sem animo, como podem ver sem luz, como não sobrosobram no pranto? Eu... — por que choras, Maria?

— Porque sou feliz, meu senhor...

(Do livro *Mysterios do Natal*)

COELHO NETTO



Quando um "cabra" como eu que vive só de escrever, pega da ponna e não acha Um assumpto p'ra bater.

Não deve ficar zangado... (Quem morre vira defunto!) E sim, escrever umas linhas Sobre a tal falta de assumpto.

ZE' DA PINGA.



grande a minha alegria que fico num atordoamento desvaivado, sem saber que faço e choro e rio

Ah! de mim quando Elle chora!

Não tendes notado que sou agora como uma faniuta perdida, que não se sacia de alimento?

Não é que tenha fome, não: mas penso Nelle é, como é preciso que Elle encontre sem pre farto o peito em que se nutre, transformo-me em celeiro.

Dormir, nem sei se durmo, porque ao mais leve movimento que Elle faça, surprehendo-me a mim mesma achando-me a seu lado, agasalhando-o, afagando-o, procurando re-dormecel-o ou acalentando-o se chora.

Eu não era assim amorosa, meu senhor. Agora que o teu não parece que vivo no mundo, só Delle me lembro. Onde Elle está ahí é que me aprás viver.

O seu berço é um vasto em immenso deserto. Dizeis, ás vezes, que me distraio porque vos não responde de prompto. Não é distração, é que a alma está junto Delle — o corpo fica vasto como uma casa fechada cujo dono trabalha na seára.

Dissestes uma vez: "As mães adivinham".

Como conheceis o coração materno!

E ha mães que ficam no mundo quando lhes morre o

CARTAS COR DE ROSA

Engenho Duas Almas, 9
de Janeiro de 1927.

Minha querida Maria da
Gloria.

Está nas minhas mãos a
joia mimosa que me mandas-
te: tua ultima carta da cor
do mar... Tua linda carta
perfumada, cheia de ensina-
mentos doces e de conselhos
maternaes, e em cujas linhas,
num deslumbramento de mi-
lagre, ha uma floração tro-
pical de primavera.

Mais algumas semanas, mi-
nha doce amiga, e tua Ma-
ria deixará essa vida encan-
tadora do campo, regressan-
do á praia da Felicidade, on-
de nós viviamos, em a nossa
casa pequenina, perto do mar,
e coroada de rosas...

Marió anda com saudades
de sua praia, da sombra aco-
lhedora de seus coqueiros.

E é natural. Foi allí que
nós nos conhecemos, numa
tarde de festas nacionaes, no
momento em que, de bordo
duma embarcação, elle sau-
dava, em palavras memora-
veis, a bandeira do Brasil.

Como é agradável, para
meu espirito, recordar esse
momento em que senti, no
meu ser, uma alvorada de
alegria.

Elle terminara a saudação,
e se approximando de mim,
gentilmente, me offereceu
uma taça de champagne.

Nunca tinha experimen-
tado uma bebida tão doce!...

E parece que foi essa taça
de champagne que me enve-
nenou a vida para sempre...

Oh! o divino veneno!...
Veneno do ceu que me fez
venturosa nos braços de Ma-
rio!...

E como me sinto feliz em
saber que, muito breve, vou
rever aquella praia, onde elle
nasceu, numa tarde de gran-
des marés, e onde aprendi a
escravisar um homem egot-
ta e altivo, com o simples es-
tratagem de ceder a todos
os seus caprichos e a todas
as suas exigencias.

Aquelles dois principios—
o "eu quero" e o "elle quer
assim" de que me fallas na
tua carta, de ha muito que
constituam, e que constitui-
rão, a base de minha felice-
dade, no amôr.

Para se ser victoriosa, no
amôr, é preciso que se seja
vencida...

Quando Mario me fallou,
ha dias, de que desejava re-
gressar á praia, pedi-lhe que
apressasse nosso regresso.
Disse-lhe que tambem sentia
saudades daquelles coqueiros,
que nos deram sombras, e
que foram as testemunhas si-
lenciosas e leaes de nossos
beijos, de nossos deslumbra-
mentos emocionaes.

Elle sorriu. E pronuncian-
do meu nome, separando bem
as syllabas — Ma-ria — co-
mo ás vezes elle o pronuncia,
perguntou-me alegremente:

— Queres mesmo voltar
para nossa casinha?

— Quero.

— Por que, Maria?

— Porque tu queres assim...

E sellamos com um beijo
muito demorado, nosso pro-

ximo regresso á praia da Fe-
licidade, onde te esperaremos,
Maria da Gloria, para veres,
de perto, a ventura de duas
almas que se querem, doida-
mente, de duas almas que an-
davam separadas, por muitos
annos, e que se uniram pa-
ra a vida e para a morte.

Não poderei viver sem Ma-
rio.

Mario não poderá viver
sem a Maria do Mar.

E sei, minha amiga, que
não poderei viver sem o seu
amôr, porque as alegrias do
mundo já não me deixam
impressões. Tudo passa, por
mim, indifferente. No meu
celebro só ha uma luz: Ma-
rio. No meu coração só ha
uma pulsação verdadeira: Ma-
rio. E elle sabe dessa verda-
de, e seus olhos sentimen-
taes, illuminados de melan-
cholia, dizem, bem alto, que
Maria do Mar — irmã riso-
nha do mar que o viu nas-
cer — é a ambição dourada
de seu viver.

E juro, minha amiga, que
continuarei a ser essa ambi-
ção, porque a mulher amada
tem uma linda missão a cum-
prir: atapetar de rosas a es-
trada da vida do homem que
a faz venturosa.

E nessa estrada, em que,
outr'ora, mãos outras semea-
ram espinhos, eu espargirei
todas as flôres de meu affec-
to, e toda a luz dourada de
minha adoração. Adeus.

Escreve-me. Escreve-me
sempre. Tuas cartas são as
minhas joias. Beijo-te, beijo-
te muito.

Tua do coração,

MARIA DO MAR.

Qual a mais linda
veranista olindense?



Mlle. Maria José Salles,
a victoriosa.

HISTORIA DO ARCO DA VELHA

O tio Miguel enrolou calmamente um cigarro de palha de milho. Da fogueira que ao lado crepitava, subiam chammas vermelhas lambendo o espaço e pontilhando a escuridão com faiscas tangidas pelo vento. Tirou um fição de aroeira, esbrazeado e murmurou, enquanto accendia:

— O sertão possui muitos mysterios, disse elle, accendendo o cigarro e tragando a pulmões chelos grande quantidade de fumo. O sertão possui muitos mysterios e muitas patranhas que são contadas para metter medo aos basbaques.

— Mysterios, lá isso elle tem, disse o compadre Mathias. Meu avô, homem de palavra e cujos cabellos da barba valiam como ouro, dados em penhor, contou-me um facto que vem provar essa grande verdade. Elle possuía uma escrava arisca como uma "ribacá". Era u'a mulata appetitosa, que punha agua na bocca de muita gente boa. A cabocla toda era um fim de mundo para conquistá-la. E ella nem como coisa. O seu namorado era um pardavasco pernóstico, fazedor de pão numa padaria da villa.

Como somente á noite ella estivesse desoccupada, justamente quando elle amassava pão, era ella quem palmilhava legua e meia para fazer-lhe a côrte.

— Bons tempos, retrucou um rapazote mettido a lamecha, que ouvia a narração. Quem me dêra que fossem as mocas hoje em dia as conquistadoras...

— Lá isso não! Sempre o foram! Ellas hoje o que fazem é armar a arapuca e esperar que a caça caia na armadilha...

— Esperem lá!... Interrompeu o narrador. Deixem-me escamar o meu peixe, enquanto não fica moido. Pois a cabocla todas as noites fazia tres leguas de caminhada para ver o seu namoro. Uma e meia p'rá lá e uma e meia de volta. Meu avô sabia disso, mas como essa pouca-vergonha, essa grande patifaria era longe de suas respeitáveis barbas e a escrava amanhecia lépida, esperta no seu serviço, fazia que não sabia e deixava correr o marfim.

Certa noite, á primeira saudação dos gallos, céo estrellado e secco, Zefirina (era o nome della) chegou em casa com todos os dia-

bos. Parece que vinha "espiritada", pois estava offegante, esbaforida e sem fala.

Houve revolução na familia. Depois de beber agua, descansar e levar certas fricções caseiras, contou, irremendo de medo e arrepiada como um ouriço caixeiro, que quando voltava de sua excursão amorosa, de repente um diabrete retinto, de olhos de fogo, empunhando uma rabeca, se lhe plantou na estrada a tocar damnadamente.

Os cabellos se lhe eriçaram. Os dentes marcaram compasso uns nos outros. E o diabrete a dedilhar a rabeca, sem nenhuma disposição de terminar. De subito surgiu um seu companheiro de farra e, agarrando-se com ella num sapateado infernal que levantava a poeira da estrada, dancou coisas diabolicas, enquanto o outro tocava satanicamente.

Dahi a pedaço ella não aguentou aquillo e perdeu os sentidos. Quando despertou, com a frieza da noite, mal pôde suster-se nas pernas, abaixou na carreira para a casa. Desse dia em diante nunca mais pôz os pés fóra de casa depois das seis da tarde. Como o compadre explica isso?

O tio Miguel esboçou um sorriso sceptico e triumphante. Baforou a fumaca do cigarro de palha e falou:

— O compadre ha-de achar-me mettido a coisa por não acreditar ou não querer acreditar nessas conversas. Que ha almas do outro mundo, espiritos, isso eu sei e tenho como certo. Agora, que muitas cousas são provocadas pela imaginação — lá isso é uma grande verdade.

Imagine lá que eu era rapazote destemeroso. Do telhado para rima só acreditava em urubó. Desempenhado, viajava pelo interior a vender mercadorias por conta de uma importante firma commercial de Mossoró, levando muitas vezes valores consideraveis para aquella época.

Pois bem, eu não tinha medo nem de gente deste nem do outro mundo. Duas vezes fóra atacado por ladrões e duas vezes escapára. De uma feita eu ia para São Miguel de Pau dos Ferros. No caminho havia uma casa senhorial abandonada. Durante o dia sempre os matutos descansavam á sombra de uma secular aroeira, cujos ramos frondosos se confundiam com o vasto alpendre da casa. Á noite, porém, nem por um cento de côcos, ninguém tinha coragem de se approximar.

Eu, porém, tinha pressa de chegar. Lá adeante tinha de ver um palmo de cara da minha predilecção e era natural que tivesse vontade de chegar o mais cedo possível. O céo estava escassamente illuminado por um tenue retalho de lua quarto crescente, quando um marco de pedra no caminho lembrou-me que, á meia legua de beico estava a casa assombrada.

Quiz retroceder. Si isso fosse covardia, isso era commigo. Estava sosinho e não havia testemunhas. Não seria a besta que me fosse levantar os brios nesse particular, salvo si conseguisse o dom da fala como o burro de Ba-lhão. Mas julguei-me humilhada só com o pensamento de voltar. Não era filho de meu pae que mudasse de tenção assim com uma nem duas. Esnoriei a besta e segui: O coração latejava mais que o meu relógio Roscoff cebolão.

Por artes do diabo ou quem quer que seja, o mundo escurreceu tal qual acontecerá no dia em que as trombetas do dia de Juizo Final estroandarem chamando essa humanidade para os carritéis. Começou a cair uma chuva fina, meúdinha, ruscada a peneira. Chuva insistente, paulificante, recalceitante e neurasthenica. Accendi um desses cigarros de palha de milho e puxei a aba do chapéo para os olhos. Dahi a pedaço uma sombra á esquerda indicou-me a casa. Nada melhor do que passar a chuva aqui, monologuei mentalmente. Mentira, eu pensava que estava falando intimamente mas o medo fizera com que falasse alto para ouvir o som da minha propria voz.

E dei as redeas. Chegando ao terraco (vocês talvez não saibam que terraco quer dizer alpendre) quando dispunha a apear-me, resolvi pri-

meio riscar um phosphoro Joco-pingue para orientar-se. Quando a luz se espalhou pelas trevas, eu encandeado mal tive tempo de ver o clarão porque desencadeou-se um tropel de todos os diabos e, si a besta providente não desse o fóra com o seu instincto de amôr á carcassa, teria eu ficado debaixo daquelle mundéu. Foi uma especie de desabamento.

Nada pude ver porque a escuridão era completa. Demais, a besta, receiosa, não quiz approximar-se nem força de esporas.

Como a chuva serenára, proseguí a viagem, conjecturando sempre no que succedera.

No dia seguinte, á tarde, passei de volta. Pude, então, francamente, ajuizar a razão daquelle desabamento, que qualquer outro attribuiria a um phenomeno sobre-natural.

—E o que fóra?

—E' que, com a chuva, grande quantidade de gado se abrigára no alpendre. Quando eu risquei o phosphoro, a luz naturalmente escapou-os. Na precipitação da corrida levaram de vencida os carcomidos páos que sustentavam o alpendre e este, sem apoio, com o madeiramento estragado, veio a baixo.

Todos romperam numa estrondosa gargalhada.

—E' isso, terminou tio Miguel. Si eu não voltasse a verificar, o que nenhum de vocês teria coragem de fazer, mesmo porque tambem não a teriam para ir áquellas paragens durante a noite, si eu não voltasse a verificar, supporia que o diabo promovera arruaças no alpendre para prohibir a minha presença nos seus dominios. O mesmo succedeu com Zeferina. Com certeza alguns pandegos a encontraram fóra de horas e obrigaram-na a sarabandar. No escuro, sem reconhecer-os, ellas os julgou representantes do senhor Belzebuth. Como essas, são todas essas historias de almas do outro mundo.

PEDRO LOPES CASTRO.

FF

De Paris

La petite feire des arts decoratifs", organizada pelo atelier Primavera de um dos mais famosos estabelecimentos de modas de Paris constitue hoje o ponto de reunião predilecto dos parisienses, onde o chá é servido ao som dum jazz. A exposição toma um andar e parte do rez-de-chaussé. Ha, ali, de tudo: moveis, tapetes, tecidos, objectos de arte, desde o estylo Luiz XV até a ultima palavra seculo XX, quer dizer, modernissimo. Não é o modernismo de chez Poiret, mas um modernissimo discreto, com algumas côres, sem as estravagancias daquelle.

Não é com menos interesse que os amantes enraizados e conhecedores do antigo apreciam a arte moderna, nem tampouco os modernos vis-à-vis das antiguidades. Onde ha o bello, está o bom gosto. Os moveis modernos, por exemplo, recommendam-se pelo conforto, elegancia e a sobriedade das côres, quando reobertos de fazenda, ao passa que nos antigos sobresaem a forma e a graça do "l'epoque", não se falando nos Luiz XIV que, apesar de authenticos, são sempre carregados.

Aqui, onde quer que se anda, numa rua estreita e escu-



SENADOR MANOEL BORBA

A bordo do transatlantico Flandria, hoje esperado em o nosso porto, deverá chegar do Rio de Janeiro, o exmo. sr. dr. Manoel Antonio Pereira Borba, senador federal por este Estado e politico dos mais prestigiosos entre nós.

O sr. dr. Manoel Borba regressa da sua actividade parlamentar deitando aqui ser recebido carinhosamente por seus numerosos amigos e correligionarios.

ra, ou no amplo "boulevard", topa-se a cada passo um antiquario sem contarmos os marchands à la puce á beira do Sena, que occupam quasi um quarteirão.

O antigo é uma mania que tambem já chegou a nossa terra; gostar do antigo é ser chic, pensam as nossas elegantes.

Num paiz de sol, como o nosso, é preciso côr, m-côr, e, aqui, a verdade é que o antigo impera, porque, no inverno, Paris é cinzento e escuro e as coisas d etons passados estão muito em harmonia.

Depois, outra razão: cada movel e cada coisa representam uma historia vivida, e hoje dão aos salões e ás salas a imponencia de palacios sombrios, parecendo dizer: ali nós tambem fomos novas...

Cuidado... Ah!... não nos façam mal... sentem-se com cuidado.

O que ha em Paris é que tudo tem o seu logar — o antigo é para a cidade, o moderno é para o campo e a praia.

As casas de campos são claras, cheias de côres e de cretonnes salpicados de flores, e as residencias de praia ainda mais alegres, pois as praias têm mais sol, e o sol pede mais côr.

Que bello collar !...
Olha o photographo,
Eunice !
Eu estou fazendo que
não vejo..



Na vitrine da SLOPER

INFANCIA FELIZ



Carmelita e Didi,
graciosas filhi-
nhas do sr. Lauro
Cruz em compa-
nhia de sua linda
priminha Hilda,
filha do sr. João
Cruz.

Continuando os sábios, preciosos conselhos de Lucie Mardrus, falaremos hoje sobre a tez que é incontestavelmente um dos mais graves problemas da vaidade feminina.

A tez constitui por si a harmonia do rosto e uma grande arte é necessária para conservar, para abrigar contra o tempo — o grande destruidor — esta delicada harmonia.

Tudo passa, tudo passa depressa e a frescura da primeira mocidade é uma das coisas que mais depressa passam!

Foi para conservar, ou melhor, foi para substituir a efêmera frescura dos rostos femininos que se inventou este delicioso, imponderável orvalho que é o pó de arroz. Mas não basta usar o pó de arroz; é preciso saber usá-lo e essa pequenina arte que tão simples parece é infinitamente complicada. Sim, minhas senhoras, esse leve gesto de uma pluma branca passeiando

sobre um rosto macio, esse gesto gracioso que todas as pequenitas fazem em frente ao espelho, imitando o gesto que tanta e tanta vez viram na mãe fazer, requer, como na voz dizia há pouco, uma toda especial.

Para que o pó de arroz possa realmente renovar a frescura do rosto, é preciso saber usá-lo.

Depois, senhoras, antes do pó de arroz, a vossa cutis delicada exige mil outros cuidados. E' Lucie Mardrus, a cientista da arte de ser bella, quem fala:

Primeiro — Nunca lavar o rosto com agua. Sim, porque a agua fria, morna ou quente torna grosseira a pelle do rosto. O rosto deve ser cuidadosamente lavado com alcool preparado com outra combinação qualquer, conforme a qualidade da cutis de cada uma. Após a limpeza, para fazer a pelle mais macia, usa-se em geral uma pomada; a glicerina é a mais indicada. Só depois de todas essas operações é que chega a hora das plumas alvas, a hora do pó de arroz.

Primeiro cuidado: o nariz! Lucie Mardrus assegura — com profunda convicção — que esta pequena coisa — a azeitado do nariz — é a parte que na mulher mais indiscretamente revela a idade, que sua dona procura, mais ou menos discretamente, occultar! Com o auxilio do vosso crême preferido, fazei pois todos os dias uma curta massagem sobre a



Na hora do footing



Um dos raros que não fogem á objectiva do photografo.

VAIDADE...

za do nariz; é o meio de lhe conservar toda a frescura da primeira mocidade. Agora o rosto está preparado para receber o pó de arroz. Ainda não... um momento! Passae antes, para que o collorido se torne mais natural, a pequena esponja de carmim. A escolha do tom de carmim que se usa, vae naturalmente de accordo com a tez de cada uma. E' preciso não abusar do rouge — como se faz em geral no Rio — afim de que a côr artificial... pareça bem natural!

Outro conselho sabio: no momento do complicado *maquillage* é preciso rir, ou pelo menos — quando o espelho não revelar coisas muito engraçadas — sorrir! Sim, minhas senhoras, é preciso absolutamente, sorrir, afim de que as maçãs do rosto fiquem

bem accusadas Collocar principalmente o carmim sobre as maçãs do rosto e nunca muito perto da boca, nem dos olhos. Em seguida passae ligeiramente sobre a pintura um pouco de pó côr de oca.

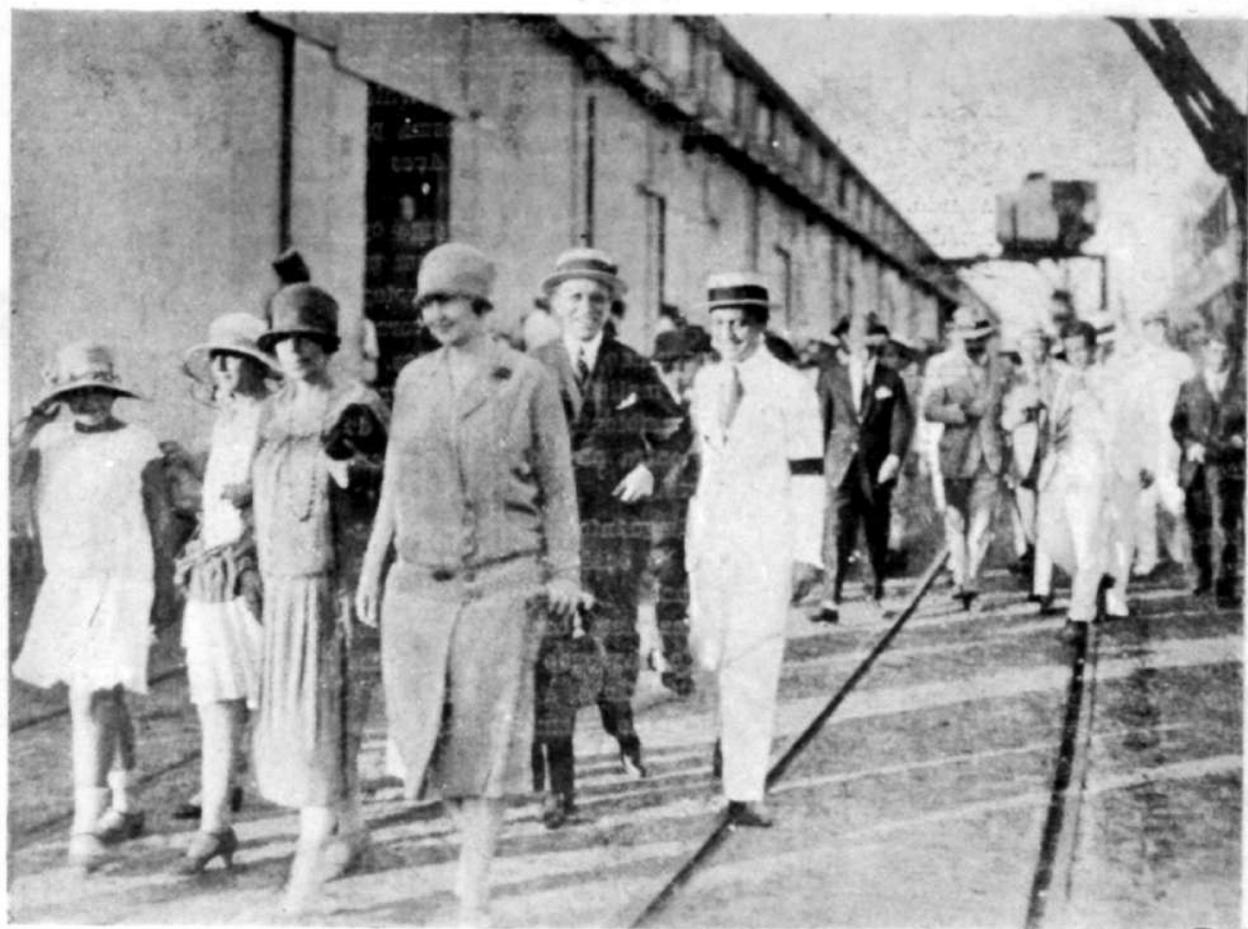
Para as mulheres que não usam "rouge" o pó de arroz côr de oca é o mais recommendado porque, independente de qualquer artificio, corrige a pallidez demasiada das faces.

Emquanto estiverdes com a

pequena esponja de carmim entre as mãos, lembrae-vos de avivar o collorido das orelhas e que dá á phisionomia um ar animado e extremamente joven. Lucie aconselha que não se use nunca um pó de arroz completamente branco porque dá sempre ao rosto um ar cansado e abatido. Voltando ao nariz e para terminar estas longas linhas de frivolidade: passar ligeiramente um pouco de "rouge" nas narinas.

E' indispensavel na toilette da noite, lavar a cara com alcohol e deixar em seguida a pelle livre de qualquer poma da afim de que os poros respirem durante o somno.

Por hoje, minhas senhoras, creio que já vos achaes bastante bellas e que podemos findar aqui nesta pequena chronica que é mais um pequeno hymno á vaidade.



O deputado federal dr. Sebastião do Rego Barros, ao desembarcar nesta cidade, S. S. tem ao lado o dr. Eurico de Souza Leão, chefe de policia.

SCENAS

Tendo estreado no dia 7 do corrente, no Theatro do Parque, a Companhia Nacional de Operetas Vicente Celestino-



D. Elvira de Jesús, primeira dama característica da Companhia Vicente Celestino. Nascida em Portugal, encontra-se ha muitos annos no Brasil onde tem conquistado um nome apreciado.



Ary Nogueira vae fazendo, mais uma vez, as delicias dos habitués do aprazível theatro da rua do Hospício.

A companhia Vicente Celestino faz milagres em Pernambuco. Estamos em epoca má para o theatro, com muitas familias veraneando nas praias, com as finanças abaladas nessa temporada de festas, e o elenco de artistas brasileiros, que está no Parque, tem tido boas casas. Elle, de facto, bem o merece.

Unico elenco nacional, no genero, apresentando-nos as melhores operetas brasileiras e outras estrangeiras, tambem das melhores, e representando-o para muito agrado, são justas todas as homenagens que o publico lhe presta.

Assistir, por exemplo, *Muzurka azul*, *Princesa das czar*

SCENAS — FITAS

das, Princesa dos dollars, Conde de Luxemburgo, Era e outras peças de estylo viennense, pela companhia Celestino, é ter a impressão de as assistir por diversos dos conjunctos estrangeiros que nos têm visitado.

O publico está agora, entretanto, esperando ansiosamente a repetição da opereta pernambucana *Aves de arribação*, que tanto successo conquistou nas praças do norte, e as primeiras das peças recém-montadas pela companhia: *Dôce de côco*, libreto de Celestino Silva e musica de Verdi de Carvalho e *A dança das libelulas*, de Franz Lehar, que nos informam estar luxuosamente montada.

Até o fim do mez devere tambem subir á scena outra opereta pernambucana *A Rosa Vermelha*, que foi escripta especialmente para a companhia pelo nosso confrade Samuel Campello e musicada pelo inspirado compositor dr. Waldemar de Oliveira, a mesma parceria que preparou *Aves ás Arribação*.

A Rosa Vermelha é uma opereta de moldes novos, com um 1.º acto — especie de prologo todo musicado, e em versos, possuindo, ainda, 2 actos leves, maliciosos que decorrem em ambiente muito diverso da outra peça dos mesmos autores.

Emquanto *Aves de Arribação* se basêa em motivos regionaes, *A Rosa Vermelha* nasce num centro social elevado, havendo nella ironias muito finas a costumes ridiculos de chamada alta sociedade. /

SONS

ALEXANDRINA RAMALHO
— Fez-se ouvir, sabbado passado, para representantes da imprensa e grande numero de



MARIA DE NAZARETH
Joven pianista para a qual já se fez ouvir em Recife para muitos applausos. Maria de Nazareth tem apenas 14 annos de idade, e é uma revelação artistica.

Sahida agora de sua



MARIA
Correcto.
Muito que
co, que vi
annos. E
etor de se
Vicente C
gueira.

SONS E PALHETAS



exmas. familias convidadas, no salão do *Diario de Pernambuco*, em audição de canto, a distincta senhorinha Alexandrina Ramalho, figura de alto conceito social e artistico da sociedade bahiana.

Dotada de excellente voz de soprano ligeiro, sabendo tirar garganteios muito suaves, a senhorinha Ramalho é, incoestavelmente, uma artista de merito digna de ser ouvida por um publico de escol.

E como pretende, em breve, realizar uma audição publica, é de se esperar que todas as pessoas que apreciam a arte do canto vão ouvi-la e dar os applausos de que a referida artista é merecedora.

MARINA DE PADUA — Em visita á pessoas de sua familia está, presentemente, em Recife, a gentilissima senhorinha Marina de Padua, da alta sociedade carioca e declamadora das mais desejadas nas festas elegantes do Rio de Janeiro.

Realizando, no salão do *Diario de Pernambuco*, em dias da semana passada, uma audição, e tendo occasião de dizer versos de Maria Eugenio Celso, Farias Neves Sobrinho e Olegario Mariano, com elegancia de gestos e boas inflexões de voz, Marina de Padua colheu forte mêsse de applausos.

PALHETAS

MARIO NUNES, o nosso admirado artista do pincel encerrou sua exposição de quadros, esta semana, tendo lo grado exito compensador.

— BALTHAZAR DA CAMARA, outro pintor conterraneo de merecimento, de volta de sua viagem ao sul do Paiz,

honde fez brilhar o nome artistico de Pernambuco, realizará, até o fim do mez, uma exposição de telas nesta capital.



O sympathisado Eugenio Noronha, que desde a sua primeira vinda a Pernambuco, se fez senhor de nossa platéa. É um artista consciencioso, excellentemente galã comico e tenor.



Attendendo ás sympathias de que gosa, em Recife, a Companhia Nacional de Operetas, resolvemos abrir um concurso, em nossas columnas, para sabermos qual a actriz mais sympathisada, o actor mais apreciado e a melhor peça do repertorio do referido elenco, devendo os votos se achar em nosso escriptorio até ás 16 horas de cada quarta-feira quando serão feitas as apurações.



CONCURSO DA COMPANHIA

VICENTE CELESTINO

A actriz mais sympathisada

.....

.....

A PILHERIA

O actor mais apreciado

4

.

A melhor peça do repertorio

4

.

Até quinta-feira apurámos a seguinte votação:

A actriz mais sympathizada:

	Votos
Carmen Dóra.	61
Lais Arede.	13

O actor mais apreciado:

	Votos
Vicente Celestino.	10
Martins Veiga.	6
Eugenio Noronha.	5

A melhor peça do repertorio:

	Votos
Mazurka Azul.	10
Aves de Arribação.	3
O Mano de Minas.	1

MODERNO.

A carga da caravela do mar é o suggestivo titulo do filia que este elegante cinema projectará hoje, para gaudio dos seus "habitués". Nelia trabalha como protagonista a interessante actriz Pauline Stark.

HELVETICA

Bóas encheztes apanhará de certo, hoje e amanhã este cinema com a projecção do esplendido film *O bello Brunel*, pellicula que tem obtido ruidoso successo em outros cinemas quando exhibidos.

DR. HUMBERTO SANTIAGO

E' o dr. Umberto Santiago um dos nossos mais apreciados escriptores theatraes.

Autor da comedia em tres actos *Excellentes maridos*, representada por Iracema de Alencar; da burleta em tres actos *A conchambrança*; da opereta em 1 acto *Mlle. Pirulito*, representada, ultimamente, com successo, pelo Conjunto Regional; das comedias e burletas em 1 acto *A costella de Adão*, *Casa de Maribondos*, *A linda Garota* e varias outras peças. Umberto Santiago trabalha, agora, em um trabalho de mais folego, a opereta 3 actos — *A teia de cranha* — que vae ter musica de Sergio Sobreira.

A julgar pelos outros trabalhos do autor conterraneo é de prever que a nova peça obtenha exito quando fór apresentada a publico.



NOIVADOS.

Com a graciosa senhorita Idylia Castello Branco, dilecta filha do sr. João Terrão Castello Branco proprietario em Itamaracá e sua exma. esposa d. Antonia Bordoux C. Branco vem de firmar contracto de casamento o distincto moço J. Felix Sobrinho, nosso talentoso confrade d'A Rua.

Festejará na proxima quarta-feira, 19 do corrente, seu natalicio, nosso particular amigo, major Elpidio Correia da Silva, do commercio de nossa p'eca.

O distincto anniversariante será muito felicitado.

A GLORIA.

Está inaugurado desde alguns dias na rua Barão da Victoria a Gloria, estabelecimento de primeira ordem, montado com rigoroso luxo e destinado ao serviço de chás, sorvetes e gelados.

O novo estabelecimento tem tido a visita de grande numero de famílias.

ENTRE NO'S DOIS...

Há, entre nós dois, querida, um grande, um immenso amor... Um amor tão grande, que, sei bem, na vida não pode, como elle, haver outro...

Tu me queres, perdidamente, loucamente, apaixonadamente...

Eu te quero, apaixonadamente, loucamente, perdidamente...

Assim, nada neste mundo, por muito grande que seja, por muito alto que suba, po-

de chegar até á altura onde paira o nosso amor...

E's a vida de minha vida, emquanto, que eu, sou a vida de tua vida...

Somos, amor, duas vidas, numa vida só...



NÃO...

Não me digas que — não... Não me digas que — não, porque, eu, quando ouço de tí, uma palavra assim, não sei como fico, não sei como estou...

Costumei-me a ouvir de tí

aquelle — sim — para tudo e sobre tudo que, agora, mesmo que o não fosse preciso, para a minha felicidade, para a felicidade tua, eu seria capaz de morrer...

Oh! Amor, por piedade, não me digas que — não — não me digas que — não! — Nessa expressão querida, existe tanta dor, tanta crueldade, que eu não posso ouvir sem chorar...

Ah! amor dize-me sempre que sim, embora que esse sim só me cause tristezas, só me faça soffrer...

Eugenio Coimbra Junior.



A' caminho das compras



Handwritten notes on the right side of the page, including a list of numbers and names:

70	0.9
88	0.9
8	0.9
6	0.01
4	0.01
N	0.01
Y	0.01
M	0.01

Na Rua Nova



Já hontem noticiámos que foi recebida com a maior sympathia, pelos nossos meios artisticos, a eleição de Olegario Mariano para occupar, na Academia, a cadeira vaga pela morte de Mario Alencar.

O poeta das Cigarras, depois de um pleito que se arrastou durante mezes, conseguiu, afinal, ingressar o seio da immortalidade, na

realização de um velho e querido sonho.

Poeta de boa agua, além de ser um dos mais populares e estimados dos nossos lyricos, Olegario representa, ao mesmo tempo, entre os seus companheiros de geração, uma das mais heroicas resistencias ás extravagancias da nova escola.

E' uma nota sympathica que não convem deixar passar despercebida.

Que se registre, entretanto, ao lado dos seus meritos litterarios, ora consagrados, ainda, os do seu formoso coração, bem conhecido de todos os seus intimos, "favo de mel", de bondade e de meiguice, que delle fez, além de um dulcoroso poeta, um dos homens mais estimaveis e queridos do seu tempo.

A PILHERIA

Enlace Fernando Pessoa de Queiroz — Hilda Pinto Alves — Realizou-se, segunda-feira, nesta cidade o consorcio do sr. Fernando Pessoa de Queiroz, do alto commercio desta praça, com a prendada senhorinha Hilda Pinto Alves, filha do extinto commerciante sr. Alvaro Pinto Alves, chefe da firma Pinto Alves & Cia.

Na residencia da sra. Cecy de Alencar Pinto Alves, genitora da nubente, realizaram-se os actos civil e religioso. O primeiro, ás 17 horas, foi testemunhado pelo sr. João Pessoa de Queiroz e d. Cecy Alencar Pinto Alves, por parte do noivo; e pelo sr. dr. Pessoa de Queiroz e senhora, por parte da noiva. O segundo, ás 17.30, foi paranympado pelo sr. João Pessoa de Mello e esposa, por parte do noivo; e sr. João Pessoa de Queiroz e consorte, pela noiva.

Ambos os actos tiveram o fulgor da assistencia mais distincta do nosso escol social.

HORA ALEGRE.

Está em circulação nesta cidade a revista **Hora Alegre** de propriedade e direcção do sr. Nelson Paixão, conhecido escriptor theatral.

Hora Alegre que trata de assumptos que se relacionam com a vida theatral da cidade traz apreciavel aspecto material e farto serviço de clichés.

Dos srs. Eugenio Lenenroth e Julio Cosi, directores da empreza de publicidade **A Eclectica**, recebemos attencioso cartão de Bóas-Festas e Felicidades no anno corrente.

NASCIMENTOS.

A's primeiras horas de segunda-feira, nasceu a interessante Dolores, dilecta filha do dr. Samuel Wallace Mac Dowell e d. Maria Amazonas Mac Dowell. A recém-nascida é netta do professor dr. Joaquim Amazonas, da nossa Faculdade de Direito e conceituado caudico em nosso fóro.



Tem o decurso da sua data natalicia, hoje, o illustre sr. dr. Augusto Lins e Silva, conceituado clinico nesta capital e membro da Academia Pernambucana de Lettras.

Faz annos, amanhã, o estimavel sr. Horacio Rodrigues, operoso auxiliar do escriptorio mercantil do **Jornal do Recife**.

No dia 7 do corrente teve o decurso da sua data natalicia o nosso brilhante confrade de imprensa sr. José Penante, que por este motivo foi muito felicitado.

No dia 4 do corrente, entre justas manifestações de carinho, teve o transcurso de sua data natalicia, o distincto joven Leonardo Costa, funcionario de cathegoria do nosso alto commercio.

Das seis qual
a
mais linda?



Na residencia
do
commerciante José
Lopes

De Rio...

Ao calor esbraseante deste Dezembro que finda, a cidade surge toda vestida de gaze e renda, na transparência dos vestidos claros e leves, na commodidade dos gestos, na liberdade das formas...

Rio... a *Cidade-Mulher*, nesta hora tropical, mostra-se mais linda, mais fulgurante aos nossos olhos, pela belleza encantadora de suas Evas...

Evas... cujos pólpas carnudas e rosadas dos labios, cujo ondulado tremulo dos seios, cujo encanto sempre travesso dos olhos, fazem do pobre Adão (sempre o desgraçado Adão!) o eterno torturado na vida, pela delicia do peccado. O delicioso peccado do amor!...

De dia, a belleza do sol fulgurante, sorri pelos labios das mulheres bonitas; de noite, estas resplendem mais que o sol, ao tremulo reflexo das luzes...

E vida e luz e mulher a cidade é o melhor paraizo que se pôde sonhar!...

Eu, que apenas alguns dias tenho vivido nesta cidade deliciosa, teria a contar, se quizesse, para vocês leitores, algo de intimo, algo de uma aventura galante, em que se empenhavam em lucta tremenda, o meu reducto inexpugnável de celibatario e o fogo incessante e cerrado de dois olhos muito lindos, muito negros...

Afinal, (dirão vocês) venceram os olhos lindos e negros da garotinha que me appareceu naquella chá dansante do Fluminense, e que me tirou a calma por alguns instantes. Pois erraram. Venci eu, venci eu ainda... porque outros dois olhos mais negros e mais lindos, fizeram com que eu esquecesse Mlle....

E nem podia deixar de esquecer... Ha tantos olhos lindos nesta terra!...

Depois... "anjar el amor, es más bello que amar con amor; porque el amor del amor es inextinguible"...

Recebe estas flores. Colhi-as hortensias de Petropolis, dentre as quaes, um quadro de cartolina branca encerrava as seguintes palavras: *Meu amor*.

Recebe estas flores. Colhi-as eu mesma para t'as offertar. Ellas irão adornar a tua cabeça linda de poeta.

Ellas contém o mel dos meus beijos o leite perfumado dos meus seios e a caricia quente do meu corpo.

Recebe-as, meu poeta, faz-dellas o melhor motivo para os teus versos lindos.

Tua...

Hoje, respondi-lhe assim:

"Minha linda:

Recebi as lindas flores que me enviaste. As flores que tu propria colheste para me offertar. Ellas palpitam ainda de vida, num pequeno vaso, vermelho que eu tenho encima da minha mesa de trabalho.

Sórvo-lhes o perfume a todo instante, para sentir a delicia do teu halito. Beijo-as sempre para sentir a maciez do teu corpo.

Acaricio-as com as mãos tremulas de desejo, para que

eu possa sentir o calor da tua vida, na vida destas flores...

Mas... esquece meu amor, lembra-te que, amanhã ou depois, estas flores irão morrendo... morrendo e se apagarão numa languidez synoptica, o teu perfume, o teu calor, a tua vida!...

E o que me ficará de ti? Petalas secas? Saudade? Não, não! Meu amor!... Não seria melhor que em vez de flores, tu propria tivesses vindo para mim?...

Não seria melhor que fôsse eu que tivesse de guiar mandeias de flores, para tapetar o caminho por onde viessem?

Eu te daria uma grinalda com todas as flores do meu amor e corôaria a tua fronte.

Eu queria que sentisses os meus dentes gelados de amorão tocarem a tua pelle quente e cheirosa. E havia de estremeecer ao meu toque, numa voluptia deliciosa!

E eu morreria suffocado pelos teus beijos!...

Por que tu mesma não vieste, para que eu fôsse feliz como Paris?...

Eu teria lindas flores para te coroar, Aphrodite!

Por que não vieste?

Eu te daria o mais lindo presente de Natal!..."

JOÃO-DA-RUA...



Suburbios de Recife — Cordeiro



CERVEJA

ANTARCTICA

O mundo chic prefere sempre os productos

DA

COMP. ANTARCTICA PAULISTA

Qual o maior nariz da cidade?

A pergunta feita, deste modo, parece que se trata do maior nariz do Recife. E haverá quem confunda nariz com cucuruto e vote no monumento-boeiro da praça Arthur Oscar, nos mirantes do **Diário de Pernambuco** e da Faculdade de Direito, ou na torre da igreja da Penha.

A pergunta é, porém, sobre o maior nariz da cidade, isto é, o maior nariz humano. Nariz de homem, é bom acrescentar para evitar infelicidades. Pelo amor de Deus, não vá alguém votar em nariz feminino. Porque se ha bem grandes, bem grandes mesmo, benza-os o Padre Eterno.

Narizes femininos como de um dizia o Bocage:

Nariz, nariz e nariz
nariz que nunca se acaba,
nariz se um dia desaba
faria o mundo infeliz".

Mas não votemos em narizes femininos. Pode ferir susceptibilidades.

E' bom, tambem, não confundir nariz grande e nariz grosso. Grande, grande, o maior dos grandes, é a pergunta d'A **Pilheria**. Porque

ha varias formas, e varias fórmas, de narizes. Tres classes, por exemplo, podem ser bem definidas: o nariz **cabeça de brócha**, o nariz **ponta de lança** e o nariz **assú**.

O nariz grosso e curto é **cabeça de brocha**: não alcança, mas atócha.

O nariz grande e fino é **ponta de lança**: não atócha, mas alcança.

O nariz grande e grosso é o **assú**. Não rima com outra coisa a não ser com papa angú, mas é o nariz supremo, nariz de mamão macho, nariz pyramidal.

No 1.º caso está o nariz do dr. Samuel Campello; no 2.º o do poeta financeiro coronel Fernando Griz e o do Hamilton Pape; no 3.º o do theatrologo Nelson Paixão.

Entre o 2.º e 3.º ha um intermediario: o do nosso director, Alfredo Porto da Silveira.

O nariz **mirim**, pequenino, torcido, estylo menina mal-

creada, é que não pode concorrer ao certamen.

A victoria será do nariz **assú**, em toda a sua plenitude de trombeta de Jerichó a fazer derruir os muros da grande cidade, ou de trombeta do juizo final no convite á carne para reunir-se aos ossos.

A' votação, narizes da cidade! Comparteçam todos. O caso é de cheirar e guardar.

Vae começar a **Inana**! Nariz de eera é que não fórma.

Que a votação da narigudancia seja a ansia dos narigudos, são os desejos d'A **Pilheria**.

Coupon para votação:

* Qual o maior nariz da *
* cidade? *
* * * * *
* * * * *



O sr. João Lopes de Albuquerque Montenegro e d. Severina Guerra de Albuquerque Montenegro, convidaram-nos para assistir á missa que, em accção de graças pela recente formatura de seu filho Henrique Solon de Albuquerque Montenegro, mandam celebrar na capella de N. Senhora das Dóres, municipio de Natuba, ás 10 horas do dia 19 do corrente.



Terá na proxima quarta-feira a passagem do seu aniversario natalicio o brioso inferior do nosso exercito sr. Hugo Moraes, apreciado charadista e director da nossa secção de **Palavras Cruzadas**.

Muito estimado em o nosso meio social Hugo Moraes desfructa ainda grandes sympathias na sua classe.

Pelo auspicioso acontecimento levámos á Hugo Moraes os nossos cumprimentos.

Terá na proxima terça-feira a passagem da sua data natalicia o joven e conhecido facultativo dr. Alvaro Ramos Leal, figura de relevo em nossos circulos sociaes e medicos.

Regosijados com o faustoso acontecimento um grupo

de amigos de s. s. promoveu-lhe naquelle dia carinhosa manifestação de apreço.

O dr. Ramos Leal abrirá os salões da sua residencia no largo da Soledade para uma recepção ás pessoas das suas relações, a qual deverá se revestir de todo brilho.

A **Pilheria** que conta o dr. Ramos Leal no numero dos seus bons amigos, antecipadamente o felicita.

*** Está eleita madrinha da **Revista da Cidade**, para o anno de 1927, a graciosa mlle. Alexina Duarte, filha do sr. dr. Candido Duarte, conhecido educador pernambucano.

Nas vitrinas d'A **Exposição**, na rua Nova, estão expostos os varios brindes oferecidos á victoriosa os quaes têm sido bastante apreciados.

Mlle. Alexina Duarte tem sido muito felicitada pela sua justa eleição.

A PILHERIA

BÓA ENTRADA.

Estamos, agora, cara a cara com o enigmatico senhor 1927. Ninguem, de bom senso, se atreve a aconselhar-lhe moderação e pedir-lhe camaradagem. O recém-vindo vem com cara de poucos amigos. Anda a desenhar-se no ar cousas tremendas. Apesar disso, porém, a gente se faz alegre, ensaia um sorriso de feliz resignação e deseja bons-annos aos amigos.

E' o que eu faço nesse momento...

LETRAS... NOVAS

Austro-Costa, o poeta, vae assignar uma lettra para publicar o seu novo livro, um livro bizarro, modernissimo, falcante, monoculante...

De entre as produções mais fortes, ha um poema guerreiro que começa assim:

"Marcha soldado,
cabeça de papel...
Se não marchar direito
não comes um pastel!"

E termina, depois de cento e tantos versos em todos os metros, com esta invocação modernissima:

Belgica! França! Sárta!
Papá-Noel!
Senhora Viuva com quem
quer casar?
quer casar!...
Russia! Russia! Russia!
Dona Sarita
Sacuda os bracos!
Dona Sarita
Levante a saia!
Dona Sarita
Tem dó de mim...
Viva a Belgica!...

FINANÇAS...

O presidente Washington Luis consultou ao joven financista parahybano dr. Rafael Xavier sobre o novo plano da estabilisação monetaria brasileira.

O reputado financista respondeu á consulta com uns extensos considerandos e juntou copia de todos os ar-

VIDA DOS OUTROS



tigos ultimamente publicados sobre o assumpto.

Deante disso, o dr. Washington Luis vae desistir de sua intenção.

FESTA... INCENDIARIA

Teopompo Moreyra annuncia mais uma festa para o seu "Meo Incendio". Pelos preparativos, vae ser uma grande festa. Depois da festa de Natal, da festa de Anno-Bom, da festa dos Santos Reis, a festa do Teopompo...

Isso é para que se não diga que o Teopompo não dá festas.

A festinha vae ser em Victoria, sob o patrocínio — devia ser, matrocínio — de um grupo de lindas criaturas victorienses, tambem poetisas e encantadas das cousas d'arte.

Dizem os "linguas" que o Teopompo escolheu Victoria para local de sua festa, para que se não dissesse, depois, que a sua festa não fóra uma festa... Victoriola.

BAIRRISMO...

Samuel Campello e Austro-Costa são dois poetas. Um é passadista e o outro é ultramodernista. O segundo vae conseguindo transviar o primeiro. Austro escreveu *Mulheres e Rosas*. Samuel que já era o "poeta das flôres", passou a ser, tambem o poeta da "Rosa... vermelha". Assim, poeta das "Rosas", o

Samuel não desdenha, tambem, as *Mulheres*. Afinidades...

A proposito do Samuel, sabe-se um caso interessante. Mario Mélo é o homem mais bairrista do mundo e não admite que qualquer Estado do Brasil seja superior a Pernambuco em qualquer especie.

Por isso, outro dia, quando alguém elogiava, desbragadamente, a encanadora literatura de Samuel Tristão, pseudonymo com que Alvaro Moreyra publicou as melhores miniaturas de seu encantador lyrismo philosophico, Mario protestou:

—Nós aqui tambem possuímos o nosso Samuel...

E alludindo á veia humoristica do auctor da "Rosa Vermelha", completou:

—Samuel Alegião...

IDEAS...

Quando, outro dia, numa alta roda, falava-se a respeito da infelicidade do povo olindense no tocante aos serviços dagua e luz da Cidade, algumas medidas, violentas umas, suaves outras, foram lembradas para banir o mal. Não se chegava, porém, a um accôrdo, quando o dr. Gastão Marinho, com aquella deliciosa displicencia que caracteriza, lembrou:

—Cura-se um mal com outro mal maior. Porque não se faz vir "Lampeão" para Olinda?

E explicou a sua idéa:

—Se o "Lampeão" não conseguir de "sôr" Clóldino, boa agua e boa luz para a cidade, ninguem mais conseguirá.

Ao lado, o Chico Araujo abanou a cabeça em signal de descrença e adiantou:

—Qual "P'ra "sôr" Clóldino" nem "Lampeão"...

E, mais claro ainda:

—Vocês já viram, em Olinda, Lampeão que se aguenta accêso?

Dr. A. de S.

ULTIMOS MODELOS

*Em calçados finos para
senhoras
e chapéos para homens*

RECEBEU

A INVENCIVEL

(Nova casa de calçados e chapéos)

Novo systema de venda:

— **Do Fabricante ao Consumidor**

Os 61432 clientes que fizeram compras em 65 dias attestam a veracidade do que afirmamos

NÃO HA LUCROS PHANTASTICOS

Rua Nova, 379

Os mais lindos modelos de chapéus para
senhoras e crianças

V. Exc. encontrará na

A DEUSA DA MODA



**Casa que recebe tambem os mais
lindos tecidos para vestidos**

V. Exc. está pois-convidada para fazer uma visita

A Deusa da Moda

— 98 - RUA DO LIVRAMENTO - 102 —

O NAUFRAGIO

O organ lançava suas ultimas notas triumphantes. A porta immensa da Magdalena abriu-se e a recém-casada surgiu pelo braço de seu marido.

Radiante de belleza, deteve-se alguns instantes, e, depois de contemplar o panorama que se estendia á sua frente, procurando, aliás, descobrir nelle o segredo de seu porvir, desceu, compassadamente, os degrãos em meio da multidão que se premia para admirá-la, e subiu a um automovel, que rapidamente a levou dali.

Estava a sós com seu esposo e com elle partia para a mysteriosa viagem da vida.

—De modo que você conhece miss Hopkins? — disse o velho Morieres, dando uma pancadinha no hombro de um joven alto, delgado, esbelto, que conduzia, segura por um cordão, uma linda cachorrinha de longo e sedoso pello, e permanecia escondido detraz de uma columna.

E, sem dar tempo a que seu interlocutor respondesse á sua pergunta, ajuntou:

—Mas, agora comprehendo: é que você deve tê-la encontrado na Australia, não é assim. Ha quanto tempo regressou dali?

Guido Nerval, a quem eram dirigidas taes perguntas, só respondeu á ultima.

—Estou em Paris ha dois mezes — disse, desatando sua cachorrinha, que, ao se vêr livre, desceu, alegre e ligeira, saltitando, os degrãos da igreja.

—Como desde ha dois mezes, si não foi vêr-me?

—Perdõe-me. Mas, é que estive occupadissimo durante todo esse tempo. Além disso, devo confessar-lhe que actualmente não ando de bom humor e vivo, por isso, muito retrahido...

—Que?! Então soffre alguma pena? — perguntou-lhe Morieres, amigavelmente, com essa familiaridade algo protectora que a differença de idades proporciona. — E' preciso que me conte tudo, querido Nerval, a menos que tenha um motivo superior para mostrar-se reservado. Creia-me que a dôr se domina desde que não se permaneça a sós com ella. Chega até a desaparecer quando se pôde desabafar...

—E' verdade — concordou o joven. — Você é realmente, meu mais antigo e melhor amigo. E será para mim um consolo confiar-lhe minhas magoas explicando-lhe por que vim assistir quasi occultamente ao casamento de miss Hopkins, e por que estou aqui com Nanita...

—De sorte que a cachorrinha representa um papel nessa historia?

—Desgracadamente sim. Mas, espere, que eu vou contar-lhe tudo. Antes, porém, é mister que lhe diga que essa joven, a quem acabamos de admirar, eu a encontrei em Sidney, em casa de uma familia originaria de Nova Orleans: que desde os primeiros dias me seduziu a belleza maravilhosa de miss Hopkins, e ainda mais o encanto que de toda a sua pessoa emana: e que immediatamente me alistei no esquadrao de pretendentes cujas azas de mariposa se queimavam no fogo ardente e devorador de seus grandes olhos negros...

—Ah! — exclamou Morieres, interrompendo-o. Bem se vê que você é filho legitimo de nossa França, onde o homem se exalta tão depressa e concede ao amor o primeiro posto de sua existencia. Mas, que demonios lá você buscar ali?

—Isto é o que eu, agora, pergunto a mim mesmo. Naturalmente, para vê-la e falar-lhe me apresentei em todas as reuniões que ella frequentava. E succedeu o que tinha de succeder: que não tardei em apaixonar-me loucamente por minha formosa australiana, sem achar occasião de lh'o declarar claramente.

—Não se atrevia a desco-

brir suas baterias e a tomar a offensiva?

—Não. Amava-a, e sua presença me intimidava. Por outro lado, embora se mostrasse muito affectuosa para commigo, ella não me dava opporrtunidade para que lhe abrisse meu coração. Um dia, soube, por casualidade, que ia partir para a Europa. Certifique-me da data precisa de seu embarque e averiguel que havia tomado passagem num formoso vapor da linha allemã.

—E por signal que você tambem embarcou.

—Effectivamente. E, no momento em que o vapor abandonava o caes e se lançava fóra do porto, me apresentei. Inopinadamente, diante de miss Hopkins, que se ruborizou ao vêr-me.

—Ruborizou-se? Logo você não lhe era indifferente.

—O mesmo pensei então, e por isso me senti ditoso. Miss Hopkins tinha-me extendido a mão e parecia muito contentê por ter de viajar commigo. Bem sabe você á intimidade que facilmente se estabelece a bordo de um vapor. Poucas vezes me separava de minha companheira de viagem, cujo engenho e cuja graça me transportavam ao mundo ideal da fantasia e do sonho...

—E, com certeza fez, então, a sua declaração de amor...

—Não. Saboreava minha felicidade e queria pôr minha vida a seus pés quando estivessemos á vista da terra franceza...

—Continúe, meu amigo. Continúe, que sua narrativa me interessa.

—Approximavamo-nos das costas da França, quando o vigia indicou ao longe uma embarcação que parecia abandonada. Essa noticia pareceu não agradar ao capitão, empenhado então em passar á frente de um vapor inglez que seguia a mesma rota do nosso. Entretanto, não quiz continuar sua rota e rumou para a embarcação. Quando estavamos perto da embarcação referida, que era uma canoa ou cousa parecida, nosso vapor fez alto e atirou uma lancha á agua; e, enquanto os marinheiros remavam vigorosamente, miss Hopkins e eu contemplavamos, ansiosos, a operação.

—Chegou-se a tempo de



salvar os naufragos? — perguntou Morieres.

— Na embarcação não havia nenhum ser humano, e, no entanto, alguma cousa se movia nella. Também os marinheiros da lancha o tinham visto. Tanto que gritaram: "Não ha sinão um cão!" E, sem se preocupar com o pobre animal, voltaram para bordo.

— Novidade, hein?

— Tanto maior quanto a cachorrinha, horivelmente fraca, era mãe e tinha junto della um cachorrinho, que, pendurado em seu peito secco, procurava em vão uma gotta de leite. Oh! si tivesse você ouvido o aulido queixoso, a invocação desesperada daquella pobre animal ao comprehendere que o abandonavam!... Lambis seu filhinho como si quizesse com esse gesto inspirar compaixão áquelles homens que se preparavam para desaparecer, deixando-a á mercê das ondas implacaveis. De repente, com os olhos desmesuradamente abertos, segurou seu cachorrinho e se collocou á beira da embarcação. Os marinheiros, porém, cada vez se preocupa-

vam menos com o infeliz animal, e já se dispunham a içar a lancha a bordo, quando miss Hopkins se dirigiu ao capitão, a quem supplicou que fizesse recolher a pobre cachorrinha. Como estava ella formosa naquelle momento! Como me enthusiasmaram as palavras com que ella procurava enternecer o marinheiro! Este, porém, com brutal obstinação, se negou a acceder a seus rogos, dizendo que não podia atrazar-se.

— De modo que vocês abandonaram a cachorrinha e seu filhinho? — indagou Morieres, emocionado.

— Não, meu amigo. Por piedade e, sobretudo, por amor, realizei um acto de verdadeira loucura: atirei-me ao mar, e salvei Nanita.

— Nanita! Essa linda cachorrinha que o acompanhava?

— A mesma.

— Bravos! O que você fez é muito francez. E como sahü você dessa aventura?

— Muito bem. Quando no recolheram, eu e a cachorrinha, fomos acclamadissimos. O que, porém, mais me sur-

prehendeu foi a pallidez de miss Hopkins.

— Havia comprehendido a significação do gesto que você teve?

— Sim. E, uma hora depois, quando de novo subi á coberta, ella me disse, tomando-me as mãos: "Meu amigo, eu lhe devo uma confiança. Devo-a, porque você estará sempre em meu coração, em virtude da acção nobre que acabou de praticar". E, com os olhos cheios de lagrimas, adivinhando o pesar que ia causar-me, ajuntou, baixando a voz: "Estou comprometida ha dois annos, e volto á França para casar-me".

O moco calou-se por um momento e depois com accento nervoso, gritou:

— Nanita, aqui!

E, amarrando de novo a cachorrinha, como si, tendo-a junto de si, quizesse reviver aquellas horas inolvidaveis, accrescentou, com voz entrecortada de emoção:

— Eis porque você me encontrou aqui, á porta da Magdalena... Quiz vê-la pela ultima vez...

M. C.

CASA CHAVES

Rua da Imperatriz 234

Neste conhecido estabelecimento reformam-se e fabricam-se lindos modelos de chapéus de feltro e de palha para senhoras e crianças.

Permanente exposição de artigos de sua especialidade

FABULAS

Era uma vez uma estrella...
E vae um sapo, o idiota,
Apaixona-se por ella!
A coisa é digna de nota.

Diziam uns: "Pois se elle
[ama!"
Accrescentavam, a rir;
E o triste, de cá da lama,
A vê-la no ceu luzir.

Era de ver mestre sapo
Na sua lodosa estancia,
Dando-se ares, todo guapo,
Numa forçada elegancia,

Não tinha nada na ideia,
Nem pensamentos triviaes,
E a alma, se a tinha, era
[alheia
Aos raciocínios e ao mais.

Mas um dia fez o acaso
O sapo olhar para cima,
E lá se foj tudo razo!
"Agora não desanima".

Porquanto o sapo era a mes-
[ma
Encarnação do nojo, ai!
Se a mãe delle era uma lesma
E um sapo verde era o pae.

Outr'ora o sapo vivia
Risonho e despreoccupado,
O presente lhe sorria
E fôr bello o passado.

Emquanto o luar o ceu banha
Syrius namorando, o audaz!
Já com a rainha da Hespanha
Fez o mesmo um tal Ruy
[Blaz.

Afinal nascia a aurora
E a estrella, tonta de somno,
Ia pelo azul afora...
Deixava-o só, ao abandono.

Pensam que elle aproveitava
E que ja dormir tambem?
Pois enganam-se. Fieava
A olhar o céu, como quem

Reconstruir procurasse.
No espaço que ella deixara,
Aquella adorada faee
De formosura tão rara.

E de noite, eil-o na pose
De bello e galanteador:
Novo extasi, nova dose
De louco, infinito amor...

Um dia ao sapo, em delirios,
Os olhos se escancararam:
Ao seu retiro, de Syrius
Os olhos bellos baixaram.

Descendo o limpido trilha
Ella envolveu-o, Jesus!
No seu indomavel brilho,
Na sua esplendida luz.

Que alegria indefinida
Para o misero! Que abalo!
A vida da sua vida,
Terna e amorosa, a beijal-o!

O acaso foi um malvado,
Um sevandija, se foi!
O sapo ficou inchado
Que até parecia um boi!

A estrella mudou de ramo
E continuou o caminho...
O amor dissipou-se em fu-
[mo...
O sapo então, coitadinho,

Na pestilencia do charco
Os olhos tristes fechou,
Goçando—que gozo parco!—
A luz que nelles brilhou...

A graça que eu acho nisto
E' ser tão velha esta lenda,
E ainda assim, por Jesus
[Christo
Ninguem na terra se emen-
[da.

Baixassem Vossências pela
Terra toda, os olhos seus:
Quanto sapo, quanta estrella,
Por este mundo de Deus!

ORLANDO TEIXEIRA

Póvoas, o querido capitão
do São Christovão, é alumno
da Escola Militar. Em virtu-
de de factos que não vêm ao
caso, Póvoas ficou impedido
de sahir, na Escola Militar.
Só devido a grandes esforços
de Luis Vinhaes é que Pó-
voas pode jogar, mas para
elle descer do Realengo, teve
que vir escoltado.

Logo após o jogo, Póvoas,
em companhia de um collega,
seguiu escoltado para a Es-
cola.

Com que tristeza elle se
viu privado de participar das
festas com que o São Chris-
tovão commemorou a sua bri-
liante victoria!...

ESPERTEZA

A' porta do irmão Sovina
Foi bater o Desiderio
E ambos mostrarão criterio
E esperteza superffina:

— Já dormes ou estás ouvindo?
— Ainda estou acordado.
— Pois empresta-me um cru-
zado.
— Agora já estou dormindo.



ONEA

Recoloração
dos cabellos
pela

ONEA

Novo
producto
sem nitrato
de prata

DEPOSITARIOS:

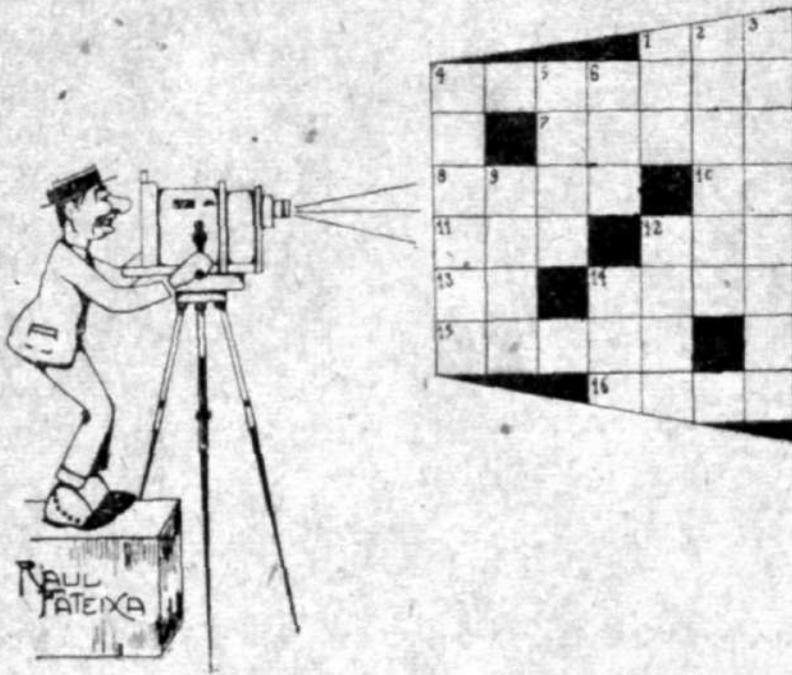
Manuel & C.

R. R. da Victoria
N. 203

ENYGMAS

DE

Palavras cruzadas



A *Pilheria*, accedendo o pedido de varios charadistas, reinicia, hoje, a secção de enygmata de palavras cruzadas, esperando desta forma, que os demais charadistas, prestem o seu valioso concurso, com a remessa das soluções de enygmata, afim de corresponderem á expectativa, de seus collegas e o nosso esforço e boa vontade, para agradar a todos. Avante, pois, charadistas!

Apresentamos, hoje, um bem confeccionado enygmata do "turuna" Raul Fateixa, cuja solução, deverá ser remetida a esta redacção até ás 14 horas do proximo sabbado, 22 do corrente, assim como toda a correspondencia, a *Alvarenga*.

ENYGMA N.º 1

HORISONTAES

- 1 — Medida para liquidos.
- 4 — Resistente.
- 7 — Aperfeicoar.
- 8 — Cigano do genero masculino.
- 10 — A letra.
- 11 — Suffixo.
- 12 — Bengala sem a ponteira.
- 13 — E' letra.
- 14 — Licor alcoolico.
- 15 — Valoroso.
- 16 — Planta...

VERTICAES

- 1 — Ave trepadora da America.

- 2 — Enredador.
- 5 — Devido.
- 4 — O mesmo que escocia.
- 5 — Embarços (fig).
- 6 — Guisado de camarões com hervas.
- 9 — Descanço.
- 12 — Setim.
- 14 — Semelhate.

Entre os decifradores exactos, será sorteada uma assignatura trimestral desta revista.

CORRESPONDENCIA

RAUL FATEIXA — Publicamos hoje o seu enygmata e agradecemos a brevidade com que acquiesceu ao nosso pedido. Esperamos que continue.

A PILHERIA

Meu amigo

São onze horas passadas... Em torno de mim, na minha casa, no pequenino salão cor de violeta de que você tanto gosta e onde tanta vez conversamos, tudo é silêncio, tudo é solidão! Por única campainha, na noite que me cerca, tenho sobre a minha mesa de trabalho as lindas rosas vermelhas que você me mandou com os seus votos de Natal!

Dei férias aos creados para que possam assistir á missa de meia-noite. Meu marido foi obrigado a sair, um convite ao qual não era possível recusar... Disse-me que iria talvez buscar-me no Gloria onde prometti ir ceiar com Stella e Marcos, os irmãos delle, e mais dois casaes amigos. A você também prometti que ia ceiar no Gloria...

São onze horas passadas... Falta-me apenas tirar o grande kimono azul bordado de flores fantasticas e passaros bizarros, e passar o vestido de baile que ha muito já está a minha espera sobre a espreguiçadeira do meu quarto de vestir. Mas... não porei hoje o vestido de baile que me espera! E' profundamente dolorosa a solidão que me envolve

NA NOITE SANTA

e no emtanto deixo-me ficar sozinha, com as mil recordações doces ou amargas que bruscamente — qual uma grande floração de saudades — despertam em mim na noite de hoje, na noite santa...

Luiz, você não sabe o que era para mim, até bem pouco tempo! a magia da noite de Natal... Pequenina, eu vivia o anno todo na delicioso expectativa desta noite de suave mysterio. Tudo quanto de bom havia, eu esperava então. Que ingenuas cartas eu escrevia ao Menino-Jesus! Quantas coisas pedia, e como me sentia loucamente feliz, quando na manhã de 25 de dezembro via espalhados sobre o meu pequenino leito de creança, todos os thesouros que eu pediria ao filho de Maria!

Mas depois, Luiz, os annos passaram... Uns atraz dos outros, outros Nataes vieram... Eu deixei de escrever cartas ingenuas ao Menino-

Jesus, mas, continuei a pedir... Mas ha muito já que os meus pedidos deixaram de ser attendidos; hoje, nada mais peço...

Perto da minha casa, ha uma igreja. Dentro de alguns momentos a voz do sino annunciando num toque festivo o nascimento de Christo convidará os fieis a irem adorar o Deus-Menino!

Como eu invejo, Luiz, a gente que vai rezar!

A minha creada—creio que com pena de me ver tão triste nesta noite de festa — perguntou-me quando antes de sair veio receber as minhas ordens: *A senhora não vai rezar ao Menino-Jesus?*

Não, não vou rezar ao Menino-Jesus! Rezar é pedir e eu mais nada tenho a pedir. Já tanto suppliquei em vão. Não vou rezar á igreja com a faz toda essa gente mais feliz do que eu, toda essa gente que ainda póde pedir, que póde ainda orar... Não vou rezar ao Filho de Deus, mas deixo-me ficar aqui sozinha, com a minha roxa floração de saudades, toda envolta no suave mysterio do Natal...

Luiz você me vai chamar de caprichosa porque assim, ultima hora mudei de idé-

OS VERDADEIROS

FUMANTES

Preferem sempre os cigarros

Mistura 2

DA

Fabrica Lafayette

recusando o convite de minha
cunhada e á promessa que lhe
fiz... Vá ao Gloria com os
seus amigos, meu amigo, to-
ne parte na alegria que por lá
anda e procure não pensar em
mim! Não veja neste meu pe-
lido... uma vaidade de mu-
her. E' toda a minha since-
ridade que lhe fala. Não pen-
se em mim esta noite... não
sente mais em mim... Mais
tarde, muito mais tarde, quan-
to forem brancos, os meus ca-
bellos negros, eu poderei ser
a nova sua amiga. Agora
não. Porque... Você sabe bem
porque! Ingrata? não eu não
sou ingrata. Você tem sido
para mim o mais delicado e
dedicado dos amigos, muitas
vezes minhas magoas você tem
sabido suavizar. Mas... não
é a você, Luiz que cabe sua-
vizar as minhas magoas e sim
a quem as causa... Cumprir
minha promessa indo ter ao
Gloria onde você me espera.
Era para mim uma alegria.
E por isto, Luiz, que eu vou...
No entanto, muitas vezes já
tenho ido assim encontrar-
me com você em festas, em
casas amigas; muitas vezes
você tem vindo caridosamente
judar-me a passar as minhas
longas, longas horas de soli-

ção. Hoje, porém, falaram
muito alto as suas lindas ro-
sas vermelha e o cartão que
as acompanhava... Até en-
tão, meu amigo, eu podia igno-
rar os seus sentimentos; hoje
não é mais possível.

E eu não sou livre! Você
bem sabe que entre os meus
anéis brilha um pequenino
circulo de ouro. Tão pequeni-
no, tão fragil e no entanto
encerra todo o meu destino...
Como é preciso pouca coisa,
para conter todo um destino
de mulher...

Não allegue que não sou fe-
liz, que com vinte e cinco an-
nos e apenas com quatro an-
nos de casada vivo quasi aban-
donada. O dever é um só, pa-
ra as felizes como para as in-
felizes e aquellas que na vida
não encontraram a almejada
ventura têm também direito
á propria dignidade, não acha?

Luiz, as suas rosas foram
indiscretas e esta amizade
que não é mais amizade não
pode continuar... No emtan-
to não é de hoje, confesso,
que conheço os seus sentimen-
tos... Por que só hoje falei?
A tantas outras festas tenho
ido onde sabia que você me
esperava...

Mas hoje, Luiz, é a noite

santa e a minha solidão está
povoada agora pela suave ma-
gia do Natal. Sinto um pouco
em mim a minha alma de cre-
ança, a minha alma toda brap-
ca...

Cantam sinos festivos. E'
mela-noite e os crentes mur-
muram: Jesus nasceu! Quan-
tas preces devem subir ao céo
nesta hora, a hora sagrada...

Como seria bom se eu pu-
desse crer nos milagres.

Tanto rezei, tanto chorei
em vão!

Ah, se o pequenino Filho
de Maria quizesse fazer um
milagre! Se eMe me quizesse
conceder algumas migalhas de
ventura depois de tanto sof-
rimento...

Bem vê, meu amigo, que eu
não posso ir. E' a noite san-
ta Luiz... Quando muito tar-
de, meu marido chegar, eu
estarei aqui á sua espera...

E talvez quem sabe! Tal-
vez Jesus tenha pena de mim
e me envie um sorriso. Como
em pequenina, aqui fico, meu
amigo, toda envolta na sauda-
de de tudo quanto passou e
docemente protegida pela sua
vive magia da noite santa...

ROSA MARIA.

24/12/26.

CLAUDIA.

PÓ DE ARROZ

LADY

"Beija-Flôr"-- Rio

E' O MELHOR E NÃO E' O MAIS CARO

À VENDA EM TODO O BRASIL

J. LOPES & C.^{IA}

Praça Tiradentes, 34, 36 e 38 - Rio

000895
000841
000191

5261
000895
000841
000191
000895
000841
000191
000895
000841
000191

000895
000841
000191

■ TORNEIO CHARADISTICO ■

Torneio de Natal

1.º Premio — Ao charadista que conseguir o maior numero de decifrações, uma assignatura annual desta revista.

2.º Premio — Ao charadista que conseguir um numero de decifrações immediatamente inferior, uma assignatura semestral desta revista.

3.º Premio — Ao charadista que for classificado em 3.º lugar, uma assignatura trimestral desta revista.

4.º Premio — Ao charadista que for classificado em 16.º lugar, um premio de consolidação.

5.º Premio — Ao auctor ou auctora do melhor trabalho charadístico em verso, uma obra litteraria offercida pelo chefe desta secção.

6.º Premio — Ao charadista que enviar as soluções exactas de todos os seus trabalhos publicados, uma obra litteraria offercida pelo nosso collaborador **Marcellino Netto**.

CHARADAS NOVISSIMAS

165) A primeira vez que comprei, na cidade, manteiga sem mistura. 1-2.

166) A criança tem, quando nova, medo de baléa e de rato. 1-2.

Carmelita.

167) Esta comida é delicada e excellente. 2-2.

168) Senhora! O homem comeu o arbusto. 3-2.

Marinetti

169) A' custa alheia, Deo-
cleciano tem vivido cheio de
prazer. 2-1.

Príncipe Negro.

(Ao exímio Rei Moura)

170) Quem chega defronte da igreja, para e entra para buscar o vaso. 2-1.

Dr. Werneck.

171) Faz medo armar um homem doído e solta-o numa pequena freguezia. 2-1.

Rodolpho Valentino.

(Ao distincto mestre Batelão, singelo preito).

172) Nota, por ventura, todo homem, na mulher, graciosidade? 1-3.

Dr. Woronoff.

CHARADAS ELECTRICAS

173) Fôste enganado? E como estavas mancommunado? 4.

Marcellino Netto.

174) Todos os dias, quando vou amarrar minha botinha, deu nó falso. 3.

Phebo.

175) Quando eu passava, numa embarcação, por este rio, encontrei certa variedade de pimenta róxa. 3.

Seu Bira.

176) O fundidor de Artilharia, morou 5 annos, neste lugar. 4.

Duque d'Alba.

177) Conhecia um seminario que era doído por esse animal. 2.

Guiló.

CHARADAS CASAES

178) E' muito difficil pescar este peixe? 3

Phantasma da Opera.

179) Triste, esperando a justiça! 2

Cravo-Róxo.

ANTIGAS

180) Quanto vale este instrumen-
[to, 1

Minha gentil Felixberta? 2
— Se não tenho conhecimento,
Como, pois, fazer offerta?

Néo-Rosas.

(Ao collega Dr. Woronoff)

181)

Não tem nada de sublime, 2
O sujeito que anda bebado, 2
Pelo contrario, é um crime
Que o homem deve ter medo.

Néo-Rosas.

ENYGMAS

(Ao Marcellino Netto).

182)

Começando a frioleira,
Adianto ao charadista.

Que a prima com a terceira,
Ferem e cortam tambem,
Usadas de tal maneira
Fazem segunda e final
Desta frivola salseira;
E terminando o engôdo,
Fica a parte deste todo.

Néo-Rosas.

183)

Como vaso, tenho azas,
Como passará sou alado,
Se por acaso entro em casas,
Dizem que sou malfadado.

Jó-Jó.

184)

Uma espessa multidão,
Dizem prima com segunda,
Vai atraz da embarcação,
Levada pelo maroto,
Que sendo um grande garoto,
E' o final da barafunda.

Mlle. Olinda.

LOGOGRYPHO.

185)

Em terra toda cercada
De agua fresca, crystallina,
[2-3-1-5
Buscava certa menina 3-2-3-
[2-5
Colher a flôr engraçada. 4-1-
5-3-2-5.

Obtida a flôr bonita,
Com muito cuidado e geito,
Foi collocado no peito
Duma gentil senhorita.

Mlle. Olinda.

CORRESPONDENCIA

Recebemos de Guiló, Néo-Rosas, Jó-Jó e Odette.

RECADOS

Jó-Jó — Elephanta, no Simões, não é doença!

Seu Logogrypho! Ah seu Logogrypho! Eu sei que você poderá produzir coisa mais aproveitavel. Habilite-se ao premio com outro trabalho.

Néo-Rosas — Deutzia não se presta para uma charada antiga; em uma das pedras parciaes, o z é de Deutz, e o no conceito, da syllaba zi; está difficil a decomposição.

Odette — Para que tanto gracejo? Vamos a um pouquinho de realidade. Sua inscripção está incompleta, e a collega não declarou o dicionario pelo qual baseou suas desconexas charadas... novissimas.

Satisfaca as exigencias e volte, querendo.

A Nacional

Fabrica de bonécos
de papelão.

Imitação celluloide

Concerta-se bonecos de celluloide e biscuits

N MONTEIRO

R. 13 de Maio, 923--Sto. Amaro

O FOGÃO A GAZ

O FOGÃO MODERNO

Hygienico — Economico — Expedito — Elegante



**Preço do Gaz
reduzido**

P. T. & P. Co, Ltd.,
LOJA DO GAZ, — RUA D' AURORA

GAZ CARBONICO

fornecido á 350 rs. por metro cubico para consumo mensal de 100 M³ ou mais.

Antigamente 700 rs., hoje, metade do preço!

AVIZO IMPORTANTE:

Este preço, fixo como maximo, não será augmentado quando o cambio descer.

INSTALAÇÕES GRATUITAS

São vossas estas vantagens se decidirdes já.

Deixae
installar

Um Fogão a Gaz

em
vosso lar